



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

LÍGIA FUKAHORI

**ELABORAÇÃO DE CATEGORIAS COMPORTAMENTAIS A
PARTIR DA INTERAÇÃO DE CASAIS EM CONFLITO EM
CONTEXTO CLÍNICO: UMA PROPOSTA DE MEDIDA DE
OBSERVAÇÃO DIRETA**

LÍGIA FUKAHORI

**ELABORAÇÃO DE CATEGORIAS COMPORTAMENTAIS A
PARTIR DA INTERAÇÃO DE CASAIS EM CONFLITO EM
CONTEXTO CLÍNICO: UMA PROPOSTA DE MEDIDA DE
OBSERVAÇÃO DIRETA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação, em Análise do Comportamento da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial à obtenção de título de Mestre em Análise do Comportamento.

Orientadora Profa. Dra. Silvia Regina de Souza Arrabal Gil

Co-orientadora: Profa. Dra. Maura Alves Nunes Gongora

Londrina
2007

LÍGIA FUKAHORI

**ELABORAÇÃO DE CATEGORIAS COMPORTAMENTAIS A
PARTIR DA INTERAÇÃO DE CASAIS EM CONFLITO EM
CONTEXTO CLÍNICO: UMA PROPOSTA DE MEDIDA DE
OBSERVAÇÃO DIRETA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação, em Análise do Comportamento da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial à obtenção de título de Mestre em Análise do Comportamento.

BANCA EXAMINADORA

Dra. Silvia Regina de Souza Arrabel Gil
Profa. Orientadora
Universidade Estadual de Londrina

Dra. Maura Alves Nunes Gongora
Co-orientadora
Universidade Estadual de Londrina

Dra. Jocelaine Martins da Silveira
Profa. Componente da Banca
Universidade Federal do Paraná

Dr. Carlos Eduardo Costa
Prof. Componente da Banca
Universidade Estadual de Londrina

Londrina, 11 de julho de 2007.

DEDICATÓRIA

Aos meus pais, Paulo e Dirce, que sempre me apoiaram e me deram forças pra continuar lutando, mesmo com todas as dificuldades, e ao meu esposo, Rafael, que suportou, com compreensão e carinho, mesmo quando eu não tinha tempo para lhe conceder atenção, e permaneceu ao meu lado nesta etapa tão importante da minha vida.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, a Deus, pela oportunidade de aprimorar meus conhecimentos e pela experiência de crescimento pessoal neste Mestrado. Sem a Sua ajuda eu não teria chegado até aqui.

Agradeço aos meus pais por toda a minha formação acadêmica, por me incentivar nos estudos e ensinar que a educação é a maior herança que uma família pode deixar para seus filhos. Agradeço todos os seus esforços, e principalmente, os valores que levarei por toda minha vida: humildade, honestidade e caridade.

Agradeço ao meu esposo, pela paciência e compreensão, pelo ombro amigo e por todas as alegrias que facilitaram muito o meu caminho até aqui.

Agradeço à minha irmã, Eliane, a todos os amigos (inclusive aos caninos) pela companhia, pelo carinho e pelos momentos tão divertidos que dão o colorido à vida.

Agradeço às estagiárias Renata, Camila, Vivian, Thalita, Silmara e Gabriela, e à terapeuta comportamental Adriana M. Fukahori, colaboradora do projeto. “O empenho de vocês foi fundamental para a realização deste trabalho. Que além do trabalho, perdue a amizade, e que este seja apenas o primeiro de muitos outros que realizaremos juntas”.

Meus sinceros agradecimentos a uma professora muito especial – Jocelaine - que me ensinou muito, tanto no aspecto profissional como no pessoal. “Jô, foi um enorme prazer trabalhar com você. Você mostrou que, além da realização profissional ser uma importante fonte de ‘reforço positivo’, o caminho até ela pode ser muito agradável. De todos os seus ensinamentos, jamais me esquecerei de que, apesar da suma importância da profissão para uma vida feliz, não podemos nos esquecer do lado doce da vida, da família e da realização pessoal”.

Minha eterna gratidão à minha orientadora, Sílvia, que me “adotou” e me suportou durante todo esse caminho. Agradeço todo o empenho, dedicação e paciência. “Você é um exemplo de dedicação à profissão, que me convenceu a continuar mesmo quando a vontade era de desistir. Apesar das minhas falhas, você me orientou brilhantemente. Minha admiração por você é imensa”.

FUKAHORI, Lígia. **Elaboração de categorias comportamentais a partir da interação de casais em conflito em contexto clínico: uma proposta de medida de observação direta.** 2007. 102f. Dissertação (Mestrado em Análise do Comportamento) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2007.

RESUMO

Diversas abordagens na área de Psicologia apresentam esforços em tratar de procedimentos terapêuticos direcionados à saúde e ao bem-estar de casais e suas famílias em vista das consequências dos relacionamentos conflituosos. Nos estudos realizados com casais é comum o uso de instrumentos de medida indireta, como escalas, inventários e questionários na avaliação do relacionamento do casal. No entanto, quando o estudo se baseia nos princípios da Análise do Comportamento, há uma preferência pela utilização de medidas diretas do comportamento, já que, por definição, o comportamento de relatar não é o mesmo que o comportamento relatado. Por esse motivo, a observação direta do comportamento mostra-se a maneira mais adequada para obter dados a respeito do comportamento em estudo. Para possibilitar o estudo observacional de interações conflituosas no relacionamento conjugal, é relevante que se envidem esforços dando vistas a identificar classes de resposta relacionadas ao conflito. Portanto, este trabalho teve por objetivo propor a elaboração de categorias comportamentais relacionadas ao conflito entre o casal que auxiliem profissionais da área na observação destas interações. O trabalho foi dividido em quatro etapas: Seleção dos Participantes; Atendimento aos Casais; Elaboração das Categorias e Refinamento das Categorias. Na Etapa de Elaboração das Categorias, a experimentadora e a terapeuta avaliadora elaboraram as categorias com base na interação de um casal encaminhado a terapia por queixa de conflito conjugal. No Refinamento das Categorias, acadêmicos de Psicologia, usando as categorias elaboradas, avaliaram a interação estabelecida pelo primeiro casal e pelo segundo, também encaminhado à terapia com a mesma queixa. Cálculo de concordância foi realizado. A elaboração das categorias baseou-se no Método Comparativo Constante. As categorias elaboradas neste estudo foram: “Discordar do parceiro”, “Concordar com o parceiro”, “Engajar-se em outros comportamentos”, “Calar-se”, “Falar sobre si próprio”, “Criticar o parceiro”, “Elogiar o parceiro” e “Outros”. A análise do índice de concordância indicou que as oito categorias elaboradas obtiveram índice de concordância (mínimo de 80%) aceitável de acordo com o indicado pela literatura da área. A categoria com o menor índice de concordância foi “Engajar-se em outros comportamentos” – com exceção da categoria “Outros”, cuja análise foi feita de maneira diferenciada. A categoria “Calar-se” foi a que obteve maior índice de concordância (90,91%). O pequeno número de casais participantes do estudo sugere a necessidade de mais investigações com a finalidade de avaliar as categorias aqui propostas.

Palavras-chave: Análise do Comportamento. Classe de resposta. Relacionamento conjugal.

FUKAHORI, Lígia. **Conflict interactions in the relationship of couples: the description of behavior categories as a measure of direct observation.** 2007. 102f. Dissertation (Master's Degree in Behavior Analysis) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2007.

ABSTRACT

Several psychological approaches have devoted some efforts to therapeutic procedures directed to couples in conflict, taking into consideration the consequences of these conflicting relationships to the health and well being of these couples and their families as a whole. In studies carried out with couples, it is common to use indirect measure instruments to evaluate their relationship using scales, inventories and questionnaires. However, whenever these studies are based on the principles of Behavioral Analysis there is a preference for direct behavior measures, since, by definition, the reporting behavior is not the same as the reported behavior. For this reason, the direct observation of a behavior has proved to be the most adequate method to collect data on the behavior under investigation. To make the observational study of conflict interactions during a conjugal relationship possible, it is important to try to identify classes of related responses. The objective of this work was to propose a description of behavior categories related to conflict interactions between couples to help professionals in the area observe these interactions. The work was divided in 4 stages: Participants Selection, Couple Assistance, Categories Description and Categories Refinement. During the Categories Description stage, the researcher and evaluating therapist described the categories based on the interaction of a couple referred to therapy with the complaint of conjugal conflict. During the Categories Refinement phase, psychology students evaluated the interaction established by this and another couple with the same complaint, using the categories described by this study. An agreement calculation was done. Categories description was based on the Constant Comparative Method. Categories described in this Study were: "Disagree with partner", "Agree with partner", "Get involve in other behaviors", "Be quiet", "Talk about oneself", "Criticize the partner", "Praise the partner" and "Others". Analysis of the Agreement Index showed that the 8 categories described presented an acceptable agreement index (80,0% minimum), according to the literature in the area. The category with the lowest agreement index was "Get involved in other behaviors" – with the exception of the category "Others", which was analyzed differently. The "Be quiet" category was the one with the highest agreement index (90,9%). Due to the small number of participant couples in the study, further investigations to evaluate the categories proposed are suggested.

Keywords: Behavioral analysis. Response class. Conjugal relationship.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Dados dos casais participantes.....	34
Figura 2 – Informações sobre as avaliadoras	34
Figura 3 – Descrição das etapas do procedimento e seus objetivos.....	37
Figura 4 – Estrutura das sessões de atendimento	39
Figura 5 – Exemplo do modelo empregado na transcrição das filmagens.....	42
Figura 6 – Organização e duração das sessões avaliadas pelas avaliadoras.....	44
Figura 7 – Temas iniciais identificados pela experimentadora	48
Figura 8 – Temas iniciais, exemplos e temas agrupados (novas categorias)	50
Figura 9 – Categorias elaboradas pela experimentadora e suas descrições.....	53
Figura 10 – Temas iniciais identificados pela terapeuta avaliadora.....	54
Figura 11 – Categorias elaboradas pela terapeuta avaliadora	57
Figura 12 – Relação entre as categorias elaboradas pela experimentadora e pela terapeuta avaliadora	58
Figura 13 – Lista das categorias elaboradas	60
Figura 14 – Lista das categorias finais	69

LISTA DE TABELAS

- Tabela 1** –Frequência de registro e Cálculo de concordância para as categorias *Discordar do parceiro, Concordar com o parceiro, Engajar-se em outros comportamentos, Calar-se, Criticar o parceiro, Elogiar o parceiro, Falar sobre si próprio e Outros comportamentos*, feitos pelas avaliadoras 1 (aluna do 4º ano de Psicologia da UEL), 2 , 3 (alunas do 5º ano), e 4 (aluna do 2º ano).....61
- Tabela 2** –Frequência de dúvidas nas categorias *Discordar do parceiro, Concordar com o parceiro, Engajar-se em outros comportamentos, Calar-se, Criticar o parceiro, Elogiar o parceiro e Falar sobre si próprio*..... 65
- Tabela 3** –Comparação entre o índice de concordância, a média de dúvidas e a frequência média para as categorias *Discordar do parceiro, Concordar com o parceiro, Engajar-se em outros comportamentos, Calar-se, Criticar o parceiro, Elogiar o parceiro, Falar sobre si próprio e Outros comportamentos*67

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
ESTUDOS REALIZADOS COM CASAIS.....	12
O USO DA OBSERVAÇÃO DIRETA NO ESTUDO DO COMPORTAMENTO	17
OBSERVAÇÃO E ANÁLISE FUNCIONAL DO COMPORTAMENTO	22
AGRUPAMENTO DE RESPOSTAS EM CLASSES FUNCIONAIS OU TOPOGRÁFICAS.....	24
DELIMITAÇÃO DO PROBLEMA	32
MÉTODO	34
PARTICIPANTES	34
RECURSOS HUMANOS	35
LOCAL	35
RECURSOS MATERIAIS E EQUIPAMENTOS	35
INSTRUMENTOS	36
PROCEDIMENTO	36
Etapa 1 – Entrevista de seleção	37
Etapa 2 – Atendimento aos casais	38
Sessão 1	39
Sessão 2	40
Etapa 3 – Elaboração das categorias.....	41
Fase 1 – Elaboração das categorias pela experimentadora.....	41
Fase 2 – Elaboração das categorias pela terapeuta avaliadora	42
Fase 3 – Comparação entre as categorias elaboradas nas Fases 1 e 2.....	43
Etapa 4 – Refinamento das categorias	43
Cálculo de concordância entre as avaliadoras	45
RESULTADOS E DISCUSSÃO	47
ELABORAÇÃO DAS CATEGORIAS	47
REFINAMENTO DAS CATEGORIAS	61
CONSIDERAÇÕES FINAIS	73
REFERÊNCIAS	75

APÊNDICES	82
APÊNDICE A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	83
APÊNDICE B – Entrevista de seleção dos casais.....	84
APÊNDICE C – Escala de ajustamento dual (DAS – versão traduzida pela experimentadora).....	85
APÊNDICE D – Inventário de satisfação conjugal (IMS – versão traduzida pela experimentadora).....	87
APÊNDICE E – Inventário de depressão de Beck.....	88
APÊNDICE F – Questionário para as terapeutas.....	90
APÊNDICE G – Roteiro de entrevista clínica inicial.....	92
APÊNDICE H – Modelo de categorização de comportamentos referentes ao conflito conjugal.....	93
APÊNDICE I – Protocolo de registro das categorias.....	94

INTRODUÇÃO

Interações de conflito em um relacionamento conjugal podem ser fonte de sofrimento para a família. De acordo com Cordova e Jacobson (1999), um casal, quando apresenta uma comunicação insatisfatória ou se desentende, mesmo quando sente afeto um pelo outro, pode ter mais momentos de sofrimento do que de alegria e prazer. Segundo os autores, *há evidências crescentes de que pessoas em relacionamentos conflituosos se tornam mais suscetíveis a um grande número de transtornos físicos e psicológicos* (CORDOVA; JACOBSON, p. 535). Em vista dessas conseqüências, são necessárias medidas para resolução do conflito conjugal. Alguns casais aprendem a resolver as situações conflitantes e descobrem sozinhos como superar seus problemas de relacionamento. Outros casais, no entanto, precisam de ajuda profissional para que seus problemas não comprometam a qualidade de vida pessoal e do casal. Diversas abordagens de psicoterapia clínica, inclusive a Análise do Comportamento, oferecem intervenções com o objetivo de ajudar parceiros a lidar com o conflito conjugal.

Para a Análise do Comportamento, o conflito conjugal pode ser definido como uma série de interações coercitivas entre os membros de um casal. Jacobson e Christensen (1996) recorrem a uma descrição originalmente feita por Patterson e Hops (1972) de interações coercitivas entre marido e mulher, sintetizando-as na seguinte formulação: *Em uma interação coercitiva, um parceiro aplica estimulação aversiva frente às respostas do outro. O parceiro coercitivo obtém então reforço positivo para suas respostas de adversidade, enquanto o outro obtém reforço negativo por responder à adversidade.* (JACOBSON; CHRISTENSEN, 1996, p. 30). Assim, são mantidas as interações coercitivas no relacionamento conjugal; as respostas de coerção são reforçadas positivamente quando seu parceiro atende à coerção, ao mesmo tempo que ceder à coerção é reforçada negativamente quando cessa a coerção.

De acordo com Sidman (1995) vivemos em um mundo cercado por ameaças. Por exemplo, o governo ameaça com prisão ou multa diante da infração a uma lei. No âmbito religioso, o pecado leva ao inferno; os patrões ameaçam com a demissão, a escola com notas baixas ou suspensão e assim por diante. No relacionamento conjugal não é diferente; também ocorrem interações nas quais um dos membros ameaça o outro com punição, perda ou abandono, por exemplo, com verbalizações sobre o que pode acontecer se o parceiro não satisfizer o desejo do outro. Neste estudo, o conflito refere-se especificamente a

interações coercitivas que ocorrem no relacionamento entre cônjuges ou parceiros íntimos que residem juntos e mantêm relacionamento afetivo semelhante a um casamento entre um homem e uma mulher, considerando-se, no caso, nossa cultura ocidental.

ESTUDOS REALIZADOS COM CASAIS

Um casal pode ser considerado em situação de conflito quando há mais desacordos do que acordos em sua interação, ou seja, na maior parte do tempo, ocorre discordância entre o casal. De acordo com Otero (2003) em uma situação de conflito conjugal, há baixa frequência de atitudes de compreensão, tolerância, paciência e manifestações de atração mútuas, que seriam essenciais em um relacionamento saudável entre os parceiros.

Diversos autores concordam com a relação existente entre relacionamentos interpessoais e a saúde e o bem-estar do indivíduo. Por exemplo, Silveira (2003) afirma que o relacionamento com um par afetivo é um potencial promotor de saúde emocional. Também Berns, Jacobson e Christensen (1999) declaram que problemas de relacionamento entre casais podem estar relacionados com importantes prejuízos para a saúde. Estes prejuízos podem estender-se aos filhos nos casos em que há hostilidade explícita entre os pais (EMERY, 1982; FAUBER; LONG, 1991; FAUBER; LONG, 1992).

Davies e Cummings (1994) apontam estudos (BARUCH; WILCOX, 1944; GASSNER; MURRAY, 1969; JOURILES, BOURG; FARRIS, 1991; PORTER; O'LEARY, 1980) cujos resultados demonstram o conflito conjugal relacionado aos problemas psicológicos das crianças. Do mesmo modo, Jenkins e Smith (1991) apontam o conflito conjugal como preditor maior de problemas dos filhos comparado à apatia entre os cônjuges. Além disso, dados estatísticos indicam que os “problemas conjugais” constituem-se fatores associados a abandonos de tratamentos psicológicos voltados para a família ou a resultados pobres nesses tratamentos (TAYLOR; BIGLAN, 1998).

O tema Terapia de Casais tem sido bastante investigado e documentado em artigos científicos (BAUCOM; HAHLEWEG; KUSCHEL, 2003; STEWART, O'FARREL; BIRCHLER, 2001). Estudos de meta-análise¹ nessa área (SHADISH; BALDWIN, 2003;

¹ Meta-análises são estudos de revisão de literatura que abordam um tema específico. Nesse caso, os dois artigos de meta-análise revisavam estudos sobre Terapia Familiar e de Casal, comparando a eficácia de diversos tratamentos.

WOOD, CRANE, SCHAALJE; LAW, 2005) indicam a eficácia não só das terapias de casal e familiar, mas também das diferentes abordagens terapêuticas utilizadas no tratamento de famílias e casais com problemas de relacionamento. Wood, Crane, Schaalje e Law (2005) analisaram estudos sobre a eficácia de diferentes procedimentos terapêuticos, e concluíram que famílias e casais que são submetidos à terapia de casal ou terapia familiar obtiveram resultados melhores do que aqueles que não receberam nenhum tratamento.

Shadish e Baldwin (2003) revisaram 20 estudos de meta-análise sobre terapia familiar e de casal e concluíram que tanto a Psicoterapia, quanto a Terapia de Enriquecimento de Relações² são mais eficazes que nenhum tratamento. Constataram também que as terapias de casal têm obtido resultados melhores do que as terapias familiares. Contudo, apontam a necessidade de mais estudos que investiguem a eficácia dessas diferentes intervenções terapêuticas. Para a Análise do Comportamento, interessam as relações funcionais entre os eventos antecedentes, o comportamento em estudo e suas conseqüências no ambiente. Sendo assim, cabe ressaltar aqui que o efeito da terapia está diretamente relacionado ao quanto as mudanças são funcionais para o casal, ou melhor, para cada um dos dois membros desse casal. Em outras palavras, qualquer intervenção terapêutica adotada poderá estar fadada ao fracasso caso a mudança proposta não seja funcional para um dos membros do casal ou para ambos.

Em vista de sua relevância clínica, diversos autores dedicam-se ao estudo do relacionamento entre o casal. Grande parte das pesquisas realizadas com casais utiliza, para avaliar o conflito conjugal, instrumentos como escalas e questionários. Por exemplo, Jacobson, Christensen, Princey, Cordova e Eldridge (2000) conduziram um estudo cujo objetivo era avaliar a eficácia da Terapia de Casal Comportamental Integrativa – TCCI - no tratamento do conflito conjugal, comparada à da Terapia de Casal Comportamental - TCC. Participaram do estudo 21 casais indicados para Terapia de Casal. Os critérios para participação no estudo eram: ser legalmente casados, morar juntos e ter entre 21 e 60 anos de idade. Além disso, deveriam ter escore acima de 58 na Escala Geral de Conflito do Inventário de Satisfação Conjugal (Marital Satisfaction Inventory – MSI³ - Snyder, 1979), que avalia a

² De acordo com Rangé e Dattilio (2001), a Terapia de Enriquecimento de Relações presume a capacitação do casal com habilidades que permitirão agir de forma harmoniosa, apoiadora e empática. “Esta proposta de intervenção com casais é orientada por um modelo educacional, que se volte para o estabelecimento de metas positivas em vez de apenas cuidar de remover dores, crises e frustrações” (RANGÉ; DATTILIO, 2001, p. 186). Esta perspectiva apresenta fundamentos teóricos ecléticos, como conceitos de inconsciente, mecanismos de defesa, *insight* e *catarse*, além de influência de abordagens humanista e comportamental (RANGÉ; DATTILIO, 2001).

³ O MSI é um instrumento bastante utilizado em estudos com casais. Ele é composto por 25 questões fechadas com uma escala likert de 5 pontos que avalia a frequência, variando entre 1 – Raramente ou nunca e 5 – A maior parte ou todo o tempo. Destina-se a medir o grau de satisfação em relação ao atual parceiro(a).

satisfação dos cônjuges em relação ao parceiro e ao casamento. Os 21 casais aleatoriamente receberam tratamento de TCC ou TCCI. Para comparar a eficácia dos tratamentos a medida de avaliação empregada foi o MSI e a Escala de Ajustamento Dual (Dyadic Adjustment Scale - DAS⁴ - Spanier, 1976), que avalia o grau de coesão, o ajustamento do casal e as preferências comuns. Os resultados indicaram que tanto os maridos como as esposas que foram submetidos a TCCI mostraram um aumento na satisfação conjugal maior do que aqueles submetidos à TCC, sugerindo que a TCCI é um tratamento promissor para o conflito conjugal. Nesse estudo, nota-se que, para avaliar a satisfação conjugal, foram utilizadas diferentes escalas e não houve qualquer observação direta do comportamento dos participantes.

Outro estudo, conduzido por Bouchard, Sabourin, Lussier, Wright e Richer (1998) investigou a contribuição das estratégias de *coping*⁵ para a satisfação conjugal, diante de problemas de relacionamento. Nesse estudo, 506 casais cujos parceiros moravam juntos ou eram legalmente casados responderam individualmente a dois inventários: o DAS e o *Ways of Coping Questionnaire* (WCQ⁶, FOLKMAN; LAZARUS, 1984). O tempo médio de relacionamento foi de 11 anos, e a média de filhos por casal foi de 1,45. A idade média das mulheres foi de 36 anos, enquanto a dos homens foi de 37 anos. Os resultados revelaram que as estratégias de *coping* relatadas foram preditores significativos da satisfação conjugal pessoal e do parceiro. Numa perspectiva longitudinal, 95 casais que participaram do estudo completaram os mesmos questionários 4 meses depois, e 108 casais novamente completaram os mesmos questionários um ano e meio depois. Os resultados mostraram que para os homens não houve correlação significativa entre diferentes estratégias de enfrentamento, diante de situações estressoras, e sua satisfação conjugal. Para as mulheres, houve diferença, embora pequena, entre as diversas estratégias de *coping* utilizadas e sua satisfação conjugal. Nota-se que nesse estudo tanto a satisfação conjugal como as estratégias de enfrentamento também foram avaliadas unicamente através de medidas indiretas, e não houve observação ou outros dados que corroborassem o relato dos participantes nos inventários. Além disso, o instrumento DAS utilizado para avaliar a satisfação conjugal, propõe-se a avaliar o ajustamento do casal, e não especificamente a satisfação. Outro ponto a ser considerado é que

⁴ O DAS também é um instrumento comumente utilizado em estudo com casais. Ele é composto por 32 questões fechadas sobre acordo/desacordo em diversos temas, discussões e interesses comuns. Cada membro do casal responde individualmente. A pontuação máxima é de 175 pontos e indica alto nível de ajustamento do casal. A pontuação mínima é de 22 pontos e indica baixo nível de ajustamento do casal.

⁵ Estratégias de enfrentamento diante de situações estressoras.

⁶ O WCQ é um instrumento com 66 questões que avalia as estratégias de enfrentamento diante de adversidades, em uma escala likert de 4 pontos que varia entre 0=não usei a estratégia até 3=usei em grande quantidade.

o relato de dados através da média pode camuflar dados importantes para análise, como o tempo de relacionamento e a idade dos participantes.

Villa (2002) investigou as habilidades sociais conjugais em casais brasileiros de diferentes filiações religiosas. Participaram do estudo 74 casais, distribuídos em 3 grupos: católicos, presbiterianos e sem filiação religiosa. Os casais responderam a 4 instrumentos: um Inventário de Habilidades Sociais Conjugais (IHSC – que avalia habilidades de comunicação entre o casal, baseado no Inventário de Habilidades Sociais – IHS, DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2001), uma ficha de dados pessoais, um questionário doutrinário e um outro instrumento no qual foi solicitado que relacionassem uma lista de habilidades sociais aos ensinamentos da Igreja. Os dados foram organizados em tabelas e comparados estatisticamente, entre religiões, entre instrumentos e com características da amostra. Os resultados mostraram que não houve diferença estatisticamente significativa entre os três grupos com relação aos indicadores de habilidades sociais. Contudo, as mulheres dos três grupos obtiveram índices mais altos de habilidades sociais do que os homens da amostra.

Como esses estudos, muitos outros foram conduzidos, empregando-se apenas escalas, inventários ou questionários para avaliar as interações entre o casal (como os conduzidos por BUSBY, CRISTENSEN, CRANE & LARSON, 1995; Cano, HERMAN, O'LEARY; LEAF, 2002; CARPENEDO; KOLLER, 2004; FINKEL; CAMPBELL, 2001; JACOBSON; FOLLETTE; REVENSTORF; HAHLWEG, BAUCOM; MARGOLIN, 1984; JACOBVITZ; BUSH, 1996; MAMODHOUSSEN, WRIGHT, TREMBLAY; POITRÀS-WRIGHT, 2005; ROBINS; CASPI; MOFFITT, 2000; SPANIER, 1976; TOBIN; GRAZIANO; VANMAN; TASSINARY, 2000; TREBOUX; CROWELL; WATERS, 2004), em geral, aplicadas no início do estudo e depois de alguma intervenção.

Revisando a literatura empírica sobre Terapia Comportamental de Casal, foi realizada uma busca no PsycInfo em junho de 2005 com os termos "Behavioral Couple Therapy". Essa busca resultou em 53 textos, sendo que 41 deles correspondiam a estudos teóricos ou relato de caso único e apenas 11 relatavam pesquisas com casais. Desses 11 textos encontrados e consultados, todos descreviam pesquisas que utilizavam medidas indiretas (como escalas, entrevistas, questionários e inventários) para avaliar o conflito entre o par (BUSBY; CRISTENSEN; CRANE; LARSON, 1995; CANO; HERMAN; O'LEARY; LEAF, 2002; CARPENEDO; KOLLER, 2004; FINKEL; CAMPBELL, 2001; JACOBSON; FOLLETTE; REVENSTORF; HAHLWEG; BAUCOM; MARGOLIN, 1984; JACOBVITZ; BUSH, 1996; MAMODHOUSSEN; WRIGHT; TREMBLAY; POITRÀS-WRIGHT, 2005; ROBINS; CASPI; MOFFITT, 2000; SPANIER, 1976; TOBIN; GRAZIANO; VANMAN;

TASSINARY, 2000; TREBOUX; CROWELL; WATERS, 2004). Também foram revisadas duas meta-análises sobre terapia familiar e de casal (SHADISH; BALDWIN, 2003; WOOD; CRANE; SCHAALJE; LAW, 2005). Ambas as meta-análises também não citaram investigações que utilizavam a observação direta do comportamento como método de avaliação. O que se verifica, portanto, é que é comum o emprego de escalas e instrumentos que utilizam relato verbal escrito para avaliar o relacionamento entre o par.

Apesar do volume de publicações na área de Terapia de Casais⁷, como discutido anteriormente, pouco se encontra a respeito de estudos cujo objetivo tenha sido a elaboração de categorias ou as tenha usado para investigar questões relacionadas ao conflito conjugal. Nesse sentido, cabe destacar o trabalho de Jacobson e Christensen (1996) no qual os autores apontam três classes de resposta no relacionamento conflituoso entre casais: a coerção, a vilificação e a polarização. De acordo com esta classificação, a coerção ocorre quando, na interação do casal, *um dos parceiros aplica estimulação aversiva até que o outro responda* (JACOBSON; CHRISTENSEN, 1996, p. 30). Ainda segundo os autores, classifica-se como vilificação a verbalização de acusações, ofensas e adjetivos hostis. Finalmente, os autores classificam como polarização as situações em que cada um dos parceiros é pouco propenso a reforçar positivamente o comportamento do outro.

Apesar da classificação proposta por Jacobson e Christensen (1996) demonstrar um esforço no sentido de avaliar as interações estabelecidas entre os parceiros de maneira mais sistemática e sem recorrer ao uso de medidas indiretas, há algumas considerações a serem mencionadas aqui. Um fator que dificulta a aplicação prática dessa classificação é o fato do rótulo ser um substantivo. A classe “coerção”, por exemplo, seria mais facilmente identificada com a ação de coagir se o seu rótulo fosse um verbo (coagir). Da mesma maneira, facilitaria o uso das classes “vilificação” e “polarização” se seus rótulos se referissem a ações (com o rótulo na forma de verbo, por exemplo) em vez de referir-se à classe por meio de um substantivo. Quanto à classe “polarização”, o fato de sua definição referir-se a uma “tendência de se comportar” dificulta sua observação. Além disso, por se tratarem de classes bastante amplas, talvez a definição de categorias mais específicas pudesse contribuir para uma avaliação mais minuciosa da interação coercitiva entre casais.

Não obstante a maioria dos estudos encontrados na literatura relatarem o uso **de instrumentos de medida indireta** do comportamento, a observação do comportamento humano é essencial para a Psicologia, especialmente para a Análise do Comportamento

⁷ Uma busca no PsycInfo com os termos Couple Therapy em junho de 2005 recuperou 718 publicações.

(DANNA; MATOS, 1989). Analistas do comportamento preferem a observação sistemática aos testes, considerando-a como um dos principais instrumentos de coleta de dados acerca do comportamento e da situação ambiental. Dessa maneira, a observação do comportamento se constitui a medida mais adequada quando comparada ao uso de escalas e questionários, uma vez que o comportamento de relatar, por definição, não é o mesmo que o comportamento relatado (JOHNSTON; PENNYPACKER, 1993).

O USO DA OBSERVAÇÃO DIRETA NO ESTUDO DO COMPORTAMENTO

Nas décadas de 70 e 80 houve um crescente interesse por estudos observacionais, na opinião de Batista (1985), principalmente por influência de determinadas abordagens teóricas, como a etologia (BLURTON JONES, 1972; HINDE, 1966) e a análise do comportamento aplicada (BIJOU; PETERSON; AULT, 1968; RAMP; SEMB, 1975). Paralelamente ao desenvolvimento desses estudos, cresceu a preocupação com a aferição da fidedignidade do sistema de observação e, especificamente, do observador humano como parte desse sistema (CARO; ROPER; YOUNG; DANK, 1979; JOHNSON; BOLSTAD, 1973).

Hutt e Hutt (1974) lembram que o método de observação direta tem tradição no enfoque da etologia – o estudo biológico do comportamento animal. Em psicologia experimental, a observação é, muitas vezes, substituída por alguma forma de registro automático, ou, quando usada, é subordinada a considerações metodológicas.

Estudos observacionais foram duramente criticados na década de 70. O termo observacional era frequentemente usado com sentido pejorativo pelos cientistas, empregado em expressões que significavam pouco exato, irregular ou simplesmente ruim. No entanto, as críticas aos estudos observacionais caem por terra à medida que estes se tornam cada vez mais rigorosos, desenvolvendo métodos observacionais sistemáticos com “status científico”, que diferem da observação naturalística pela replicabilidade e controle de variáveis (HUTT; HUTT, 1974).

Hutt e Hutt (1974) sugerem que, nas ciências comportamentais, o método observacional é o mais apropriado, e, algumas vezes, o único recurso disponível. Além disso, a observação ainda é o método mais apropriado, quando o objetivo do estudo é conhecer o comportamento dos sujeitos em situação social ou natural.

A observação direta pode fornecer informações relevantes, pois possibilita a redefinição, em termos mais precisos, da resposta focalizada e a investigação dos outros elementos do repertório que aparecerem na situação. A observação direta e a interferência experimental em vez de incompatíveis, são elementos inter-relacionados do processo de investigação científica do comportamento.

A crítica à validade e fidedignidade dos métodos de observação direta torna-se mais fraca à medida que tais métodos se tornam mais refinados, com operações calibradas, sujeitas a rigorosos controles e levando a dados cada vez mais quantitativos. De acordo com Ades (1976), defender a observação direta não é preconizar a volta de uma abordagem anedótica ao comportamento, mas sim a adoção de técnicas precisas, dentro de padrões científicos.

A observação direta muitas vezes é mediada por equipamentos, como, por exemplo, uma câmera de vídeo. Uma vantagem do uso desses registros é que eles evitam os inconvenientes da presença do observador, ao mesmo tempo que permitem um maior grau de fidelidade. É evidente que esses dados posteriormente são interpretados por um ser humano. Mas esta é uma necessidade que se impõe em qualquer tipo de registro, mesmo os feitos por máquinas específicas para o registro de comportamentos, normalmente utilizados em estudos com animais (ADES, 1976).

Em uma concepção que considera a observação e a experimentação como elementos complementares, observar seria explorar o repertório de comportamento e estabelecer categorias, descobrir de maneira bastante vaga as relações relevantes entre o organismo e seu ambiente. Seria preparar um material a ser analisado, posteriormente, pela abordagem experimental, ou seja, suscitar as dúvidas certas.

O dado de observação tem um duplo papel; de um lado, ajudar a estabelecer o grau de “confiabilidade” de uma hipótese acerca de processos comportamentais. De outro lado, fazer surgir incertezas e incentivar a realização de novos experimentos. *O planejamento experimental seria então, ao mesmo tempo, causa e consequência da observação* (ADES, 1976, p. 33). Dessa forma, pode-se dizer que o uso da observação direta tem como principal vantagem o aumento da validade interna.

Os critérios para observação direta podem variar quanto ao rigor e complexidade exigidos dos observadores. Essa observação pode ser realizada tanto por psicólogos com treino em observação sistemática como por pais ou alunos. O que vai definir esse critério, segundo Windholz (1976), é a finalidade da observação em questão.

Vários autores (JOHNSON; BOLSTAD, 1973; O'LEARY; KENT, 1972; SKINDRUD, 1972) preocupam-se com o uso do observador humano como instrumento de coleta de dados na situação naturalística. Os autores discutem se e como observadores podem distorcer dados ou coletar dados que não são fidedignos nem generalizáveis. Windholz (1976) propõe como possíveis soluções para o problema dos observadores humanos que a avaliação do nível de acordo não seja de conhecimento dos observadores, conseguindo o experimentador monitorar os observadores, verificando a fidedignidade de maneira disfarçada.

Skindrud (1972) afirma que “observadores cegos” vêem melhor, ou seja, quanto menos os observadores sabem sobre uma situação, menor a probabilidade de introduzirem viés na situação. A própria presença do observador como fonte de interferência pode ser um fator importante para alterar o comportamento dos sujeitos.

Em síntese, numa situação de observação e registro, é necessário estar alerta para os aspectos metodológicos do estudo. Como em todo bom instrumento de precisão, os comportamentos adequados do observador devem ser sistematicamente reforçados para que sejam mantidos. Tal reforço, na medida do possível, deve estar presente na própria situação. Johnston e Pennypacker (1993) concordam que definir uma classe de resposta funcional não é uma tarefa simplesmente literária. Embora pareça ser uma tarefa simples observar o comportamento alvo sob condições normais e descrever as relações funcionais envolvidas, é necessário garantir a veracidade dessas relações elaborando-as sob condições sistemáticas de medida.

De acordo com Johnston e Pennypacker (1993) o pesquisador deve organizar o experimento de modo que o observador/registrator (humano ou máquina) reaja sensivelmente às dimensões definidas do comportamento-alvo. Dessa maneira, a observação casual difere de uma observação científica, visto que esta é planejada e objetiva – na medida do possível, alheia às interpretações pessoais do observador. De acordo com os autores, a observação científica tem três objetivos principais: a) transformar eventos auditivos e visuais em dados numéricos, posteriormente analisados; b) obter um registro do comportamento completo e preciso; e c) influenciar o comportamento do experimentador e de outras pessoas que farão uso dos dados.

Esses autores sugerem que os dados experimentais devem servir para detectar aspectos que ocorrem em condições variadas e evitar influências de outros eventos. Eles discutem as vantagens e desvantagens de observadores humanos e registros realizados por máquinas. Segundo eles, as máquinas são ideais para executar atividades repetitivas e não

são influenciadas por eventos fora dos parâmetros delineados para a investigação. Por outro lado, exigem manutenção e calibragem dos equipamentos. Os observadores humanos têm a vantagem de reagir a características não planejadas da situação de observação que podem ser importantes para o experimento. No entanto, costumam ser pouco hábeis para atividades repetitivas apresentam grande variabilidade comportamental e problemas de assiduidade ou cansaço, ou podem ainda ser influenciados por sua história pessoal, constituindo fonte de erros. Apesar da aparente desvantagem do observador humano em relação à máquina, muitas vezes é o único recurso de que o pesquisador dispõe. Além disso, Johnston e Pennypacker (1993) sugerem que ambos os métodos de registro (humano e máquina) podem ser complementares e propõem alguns passos para se obter um registro de qualidade: a) delinear exigências para a observação e registro, alertando para o fato de que, no caso de observadores humanos, quanto mais atividades o observador tiver, maior o risco de erro; b) selecionar observadores, atentando para seu histórico em experiências anteriores similares; c) planejar e conduzir o treinamento dos observadores (com instruções orais, escritas, modelagem, prática repetida com *feedback*, uso de vídeo etc.); d) sustentar a qualidade do desempenho do observador (evitar problemas com experiência acumuladas, cansaço, preocupações) e manter os observadores sem o conhecimento do objetivo do estudo.

Batista (1985) afirma que na Análise Aplicada do Comportamento a avaliação da fidedignidade é feita através do cálculo do acordo entre observadores e deve estar subordinada aos objetivos e características de cada projeto de pesquisa, entendendo-se “fidedignidade”⁸, no seu sentido mais amplo, como exatidão e replicabilidade.

O acordo entre observadores que registram o comportamento⁹ simultânea e independentemente é considerado como indicação de fidedignidade desses observadores (KAZDIN, 1977; YELTON, 1979). Os pesquisadores assumiram que o acordo em ocorrências e/ou não ocorrências de comportamentos-alvo sugere que os observadores estejam respondendo aos mesmos eventos. Assim, o acordo entre observadores é uma indicação da replicabilidade dos dados de observação (WILDMAN; ERICKSON, 1977).

⁸ De acordo com Johnston e Pennypacker, a fidedignidade de um instrumento consiste no fato deste avaliar realmente aquilo que ele se propõe a avaliar. Sendo assim, o cálculo de acordo refere-se à concordância, e não propriamente à fidedignidade. No entanto, o termo “fidedignidade” será mantido ao longo deste estudo, conforme utilizado por Batista (1985).

⁹ Quando se fala em registro de comportamento, entende-se registro de sua taxa ou duração. Como afirma Skinner (1953/2000) não é possível registrar o comportamento, já que ele é mutável, fluido e evanescente. Trata-se de um processo, e não de algo que possa ser facilmente imobilizado para observação. O que se registra, portanto, é a sua frequência, taxa, magnitude e duração. No entanto, para facilitar a comunicação, em alguns momentos, será citado o “registro do comportamento” ao invés do registro de sua frequência, taxa etc.

Entretanto, ao longo do uso de índices de acordo entre observadores em estudos dessa natureza, foram surgindo elementos para indicar que esses índices estão sujeitos à influência de vários fatores (JOHNSON; BOLSTAD, 1973; KAZDIN, 1977). Além disso, foi sendo aprofundada a discussão sobre a relação entre acordo dos observadores entre si e definição do comportamento. Hawkins e Dotson (1975) em uma discussão sobre o cálculo de acordo entre observadores, alertam para o fato de que o uso de uma fórmula em que se computam tanto os acordos na ocorrência como os acordos na não-ocorrência do comportamento, resulta em altos índices de concordância, o que dificulta a avaliação do grau de precisão, clareza, objetividade e completude de uma definição, assim como da competência do observador e, conseqüentemente, da confiabilidade no efeito experimental relatado.

A partir dessa observação de Hawkins e Dotson (1975), a discussão de fidedignidade em Análise do Comportamento Aplicada passou a girar em torno de modos de se evitar índices altos devidos ao acaso. Para isso, foram feitas sugestões com vistas a calcular separadamente índices de acordo para ocorrências e não-ocorrências do comportamento (BIJOU; PETERSON; AULT, 1968; HAWKINS; DOTSON, 1975) e estabelecer meios de identificar a proporção de acordo devida ao acaso (JOHNSON; BOLSTAD, 1973; HARTMANN, 1977; HOPKINS; HERMAN, 1977; BIRKIMER; BROWN, 1979, a, b; YELTON, 1979), muitos dos quais envolvendo uma certa sofisticação estatística.

No entanto, segundo Batista (1985, p.208) a sugestão de estabelecer meios de identificar a proporção de acordo devida ao acaso tem sido criticada por autores com tradição na área, já que, o que interessa para o analista do comportamento é responder à questão *“Será que quaisquer dois observadores, usando o mesmo código de comportamentos, veriam os mesmos comportamentos, do mesmo modo ao mesmo tempo?”*. Para Baer (1977), a resposta a esta questão pode ser obtida através do cálculo separado das porcentagens de acordo sobre ocorrência e não ocorrência do comportamento registrado em intervalos. Ele considera que as proposições sobre outros modos de calcular o acordo, mesmo levando em conta os valores obtidos ao acaso, são prescindíveis e até prejudiciais à área da análise do comportamento aplicada.

Verifica-se, portanto, que a questão da fidedignidade do observador é tratada na Análise do Comportamento Aplicada, privilegiando-se o cálculo do acordo entre observadores como indicador de fidedignidade e buscando-se identificar e controlar os fatores de erro que afetam esses índices, sempre no intuito de preservar essa maneira de aferir a fidedignidade. Isso porque, segundo Batista (1985), o principal interesse da Análise do Comportamento Aplicada é demonstrar o efeito de variáveis experimentais sobre a frequência

ou duração do comportamento, produzindo mudanças de magnitude consideradas socialmente significativas.

Batista (1985) sugere, ainda, que uma possível solução para a avaliação da fidedignidade do observador é o uso exclusivo da aferição do acordo intra-observador, ou seja, o mesmo observador realiza duas codificações separadas por um intervalo de tempo do mesmo videotape. Desse modo, apresenta-se uma possibilidade de o pesquisador atuar sozinho na análise dos dados e aferir sua precisão no registro de seu catálogo de comportamentos.

A partir dessas considerações, Batista (1985) sugere que a avaliação da fidedignidade do observador seja pensada pelo pesquisador de modo a estar ela relacionada especificamente ao seu objetivo de estudo e às características específicas de seu projeto de trabalho. No entanto, a autora aponta algumas sugestões para diferentes objetivos de pesquisas. Em estudos preliminares, de caracterização de um fenômeno, ela sugere que discussões informais entre pesquisadores podem contribuir mais para o estudo do que testes formais de fidedignidade. Uma vez formalizados os critérios de delimitação de unidades e estabelecido um sistema de categorias, deve-se passar à seleção de uma técnica adequada de avaliação da fidedignidade do observador.

Foram expostas até aqui algumas considerações sobre o uso da observação direta no estudo do comportamento e alguns cuidados metodológicos indispensáveis em estudos dessa natureza. A observação do comportamento é fundamental para a análise do comportamento porque possibilita dados para a realização da análise funcional, a principal ferramenta de trabalho do analista do comportamento. Uma observação sistemática, seguindo rigorosos critérios de controle experimental pode fornecer dados confiáveis, reduzindo a probabilidade de erro em uma análise funcional.

OBSERVAÇÃO E ANÁLISE FUNCIONAL DO COMPORTAMENTO

O interesse da Análise do Comportamento está nas relações entre os eventos ambientais e as ações do organismo. A identificação dessas relações é a Análise Funcional. Uma formulação da interação entre um organismo e seu ambiente deve especificar a ocasião em que a resposta ocorre, a própria resposta e as conseqüências que se seguem a ela. *O primeiro passo para a realização de uma análise funcional é a identificação do*

comportamento de interesse. Isso requer, do analista do comportamento, a observação do comportamento e/ou a obtenção de relatos de outras pessoas (MEYER, 2003, p. 76).

Segundo Meyer (2003), a análise funcional é o instrumento básico de trabalho de qualquer analista do comportamento. É sua tarefa, ao ouvir a respeito de um comportamento ou ao observá-lo diretamente, identificar contingências que estão operando e inferir quais as que possivelmente operaram no passado. O analista do comportamento pode também propor, criar ou estabelecer relações de contingência para desenvolver ou instalar comportamentos, alterar padrões, assim como reduzir, enfraquecer ou eliminar comportamentos dos repertórios dos indivíduos. Mudanças no comportamento dependem de mudanças nas contingências. Por isso, a análise funcional é fundamental sempre que o objetivo seja de predição ou controle do comportamento.

No entanto, quando se trata de um casal, não há como analisar funcionalmente seus comportamentos considerando-o como uma unidade, pois a análise parte da interação de um organismo com o ambiente e no caso do casal, trata-se de dois organismos em interação. A análise funcional de uma interação entre dois organismos torna-se possível considerando um organismo como parte do ambiente do outro. Isso porque o comportamento de um dos parceiros pode influir no comportamento do outro e vice-versa.

Mattaini (1999/2001) apresenta uma perspectiva ecológica (*Ecobehavioral Perspective*, p.3) que considera o casal como uma microcultura, resultado da confluência de duas culturas familiares - as culturas das famílias de origem dos cônjuges. O autor esclarece que, considerando os comportamentos positivos e negativos dos cônjuges entre si como os mais consistentes e poderosos preditores da satisfação e estabilidade conjugal – como citado por Jacobson e Christensen (1996¹⁰), considerando, ainda, a enorme variação pessoal e cultural nos conceitos de “comportamentos positivos e negativos”, as interações entre casais em conflito e casais que não estão em conflito são caracteristicamente diferentes. O uso dessa perspectiva parece adequado ao contexto clínico, no qual uma análise global da interação é suficiente para o processo de psicoterapia. No entanto, o contexto de pesquisa aplicada requer uma análise funcional mais detalhada, com critérios mais rigorosos de análise e observação das interações do casal.

Devido à complexidade dessas interações, seu estudo exige a identificação desses comportamentos, ou melhor, de classes de comportamentos. Para identificá-las, é

¹⁰ *The most powerful and consistent predictors of marital satisfaction and stability are positive and negative behaviors by husband and wives and the reciprocity in these positive and negative behaviors* (Jacobson & Christensen, 1996, p. 37).

preciso observar o organismo interagindo com o ambiente. Há um consenso entre alguns autores a respeito do auxílio do agrupamento de respostas em classes no estudo do comportamento (CUNHA, 1976; SKINNER, 1953/2000). Quando se trata de um casal, a análise requer um cuidado especial, porquanto, no relacionamento entre o casal, um organismo pode constituir-se em elemento do ambiente para o outro e vice-versa. Por esse motivo, a seção seguinte trata do agrupamento de respostas e discute os critérios para o agrupamento, que podem ser funcionais, topográficos ou ambos.

Descobrir estas relações de dependência entre os eventos ambientais e comportamentais não é uma tarefa simples. Follette, Naugle e Linnerooth (2000) lembram que o ponto de partida da análise funcional é a especulação. Portanto, não há uma metodologia específica para realizar uma análise funcional. O processo ocorre por tentativa e erro, ou seja, se uma análise funcional mostrar-se incorreta no contexto aplicado, o procedimento a ser feito é refinar a análise. *Imaginar as relações possíveis entre comportamento e ambiente e estar certo sobre quais delas são realmente funcionais pode exigir um mini-experimento* (JOHNSTON; PENNYPACKER, 1993, p. 76).

É fato que este procedimento metodológico não está isento de erros. No entanto, uma característica importante desse procedimento é a possibilidade de auto-corrigir-se, cientificamente. Com base na observação e partindo-se do exame de mudanças em relação a operações de comportamento tomadas como referência, são estabelecidas as classes de comportamento que serão empregadas num estudo descritivo. Tal estudo envolve, numa outra fase, o levantamento e a descrição das circunstâncias em que ocorrem os comportamentos desta classe e o teste dessas circunstâncias. Se este teste resultar no estabelecimento de relações causais entre o comportamento e as circunstâncias, tais elementos são mantidos no sistema de análise. Caso contrário, as classificações deverão ser revistas, e novas relações entre os comportamentos contidos na classe e as circunstâncias de ocorrência deverão ser estabelecidas e testadas (CUNHA, 1976).

O Agrupamento de Respostas em Classes Funcionais e/ou Topográficas.

Comportamentos individuais freqüentemente são considerados como membros de classes comportamentais mais amplas. Para identificar e classificar os comportamentos em estudo, são consideradas como referência a regularidade, ou constância, e a variação em algum aspecto – funcional ou topográfico - do comportamento. Segundo Cunha (1976), a classificação de um comportamento deve resultar de um procedimento de comparação dos fenômenos, identificando semelhanças e diferenças entre eles, ou seja, deve estabelecer uma

morfologia e taxonomia comportamentais. Dessa maneira, os comportamentos são agrupados em classes, podendo os critérios de agrupamento ser exclusivamente funcionais, exclusivamente topográficos, ou concomitantemente funcionais e topográficos (DANNA; MATOS, 1989). Segundo Meyer (2003), a identificação desses agrupamentos ou classes requer repetidas observações de diversos comportamentos e dá-se pela constatação de regularidade de funções e/ou de formas de comportamentos abertos ou encobertos.

De acordo com Johnston e Pennypacker (1993), classes de resposta são agrupamentos naturais no repertório dos organismos; suas respostas compartilham as características incluídas na definição da classe. O trabalho do pesquisador é identificar os comportamentos, que compartilham a mesma função e/ou forma, e organizá-los em classes, facilitando seu estudo. Quando formados por comportamentos que compartilham a mesma função (mesmo que sejam topograficamente distintos), esses agrupamentos constituem uma Classe Funcional. Por outro lado, quando se referem à variação ou regularidade da forma, aparência e movimentos, caracterizam uma Classe Topográfica. Em um terceiro tipo de agrupamento, os critérios de definição podem ter ainda, ao mesmo tempo, critérios funcionais e topográficos, constituindo uma classe com duplo critério, mais restrita se comparada às de critério exclusivamente funcional ou exclusivamente topográfica (DANNA; MATOS, 1989).

De acordo com Skinner (1953), o estudo científico do comportamento inicialmente tendia a definir classes de estímulos ambientais e classes de respostas em termos puramente físicos. Skinner sugeriu uma mudança nesses critérios de definição de classes de estímulos e respostas. Segundo Johnston e Pennypacker (1993), uma das maiores contribuições de Skinner para o estudo do comportamento foi alterar o modo como são definidas as classes de estímulos e respostas.

Para Skinner, a definição de classes de resposta deveria ser feita não apenas em relação aos atributos físicos do comportamento, como os movimentos e a forma, ou seja, pela topografia, mas também pela relação com o ambiente, mais particularmente, com uma classe de estímulos. Em outras palavras, em vez de definir estímulos e classes de resposta somente quanto a sua estrutura física ou forma, Skinner sugeriu que a definição fosse quanto a sua função (JOHNSTON; PENNYPACKER, 1993).

Enquanto uma definição topográfica de classe de respostas descreve movimentos ou atributos físicos do comportamento, uma definição funcional incluiria qualquer resposta que resulte em uma conseqüência específica, ampliando a classe, ou seja, incluindo respostas topograficamente diferentes, mas com efeito semelhante no ambiente. Por exemplo, uma definição topográfica da classe de “acender a luz” envolveria a descrição de

todos os movimentos relacionados, como aproximar-se do interruptor, levar a mão ao interruptor e pressionar o interruptor com o dedo indicador. Nesse exemplo, respostas que também produzem a consequência “luz acesa” poderiam ficar de fora, como no caso de lâmpadas sensíveis ao toque (não via interruptor), ao som (com um comando vocal ou o som de bater palma) ou ao calor (acionada pela presença de uma pessoa ou animal). Dessa forma, uma classe funcional de respostas é definida como um conjunto de comportamentos que, embora possam variar quanto à sua forma, são controlados pelos “mesmos estímulos” ambientais (classe de estímulos). Por classe de estímulos entende-se um conjunto de eventos ambientais que tem relação de controle com uma classe de resposta. Isso significa que a topografia da resposta em uma classe funcional pode variar de maneira considerável (JOHNSTON; PENNYPACKER, 1993).

Em sua aplicação prática, a definição de classe funcional possibilita a classificação de comportamentos topograficamente bastante distintos numa mesma classe, diminuindo a probabilidade de que comportamentos que exercem a mesma função no ambiente fiquem à margem de uma análise funcional. No contexto clínico, por exemplo, quando utiliza uma definição topográfica de um comportamento-problema, o terapeuta corre o risco de ter uma análise incompleta, e o problema persistir, mesmo com uma intervenção sobre o comportamento-problema.

Por exemplo, uma definição topográfica da classe de resposta “xingar” poderia ser definida como “atribuir adjetivos hostis ao parceiro”. Por outro lado, uma definição funcional, que analisa os antecedentes e consequentes, incluiria respostas que não têm essa forma, mas que estão sob controle dos mesmos estímulos. Uma resposta de dizer palavras que não são adjetivos hostis, mas que, dependendo do contexto tem a mesma função, seria desconsiderada se fosse utilizada a definição topográfica. Para ilustrar, considere-se a seguinte situação: a esposa convida o marido para ir à igreja com ela, e o marido recusa, dizendo que está indisposto porque não dormiu bem a noite passada. A esposa responde: *Você é um imprestável, nem dormir você consegue! É muito desanimado, não tem vontade de fazer nada, nem de me acompanhar até a igreja...* De acordo com a definição topográfica, é possível identificar a resposta da classe “xingar” nessa fala, já que nessa situação a esposa atribui ao marido adjetivos considerados socialmente hostis. No entanto, considere-se esta outra resposta da esposa, diante da mesma situação: *Tem gente que tem preguiça pra tudo...* Nessa segunda fala, em momento algum a esposa atribui adjetivos hostis ao marido, e, portanto, essa fala não possui os critérios que a incluem na classe topográfica da resposta

“xingar”. Uma definição funcional, nesse caso, possibilitaria a elaboração de uma classe mais ampla, incluindo respostas topograficamente distintas, como ocorre na segunda fala.

Para Danna e Matos (1989) ao agruparem-se os comportamentos em classes que obedecem a critérios funcionais deve-se focalizar o efeito comum produzido pelo comportamento e as semelhanças existentes entre os comportamentos. Mesmo em uma classificação funcional, as autoras sugerem que sejam observadas algumas semelhanças dos comportamentos em questão. Considerando a importância da classificação funcional proposta e defendida por Skinner (1953), o próprio Skinner (1957), ao explicar sobre as complexas variáveis de controle do comportamento verbal, afirma que, apesar de fundamentais, os critérios funcionais não são o único elemento a ser considerado em uma análise; devendo-se estar atento também para sua forma.

De acordo com Johnston e Pennypacker (1993) para definir uma classe funcional, é fundamental que, primeiro, o comportamento selecionado atenda às necessidades do estudo, isto é, que possibilite responder à questão experimental. Os autores assinalam a importância do modo como o pesquisador define uma classe de resposta, pois esta definição (funcional ou topográfica) determina quais aspectos do comportamento são observados e registrados, e servem como base para decisões sobre a maneira como o experimento deve ser conduzido para responder à questão experimental. Esses cuidados com a escolha da definição – funcional ou topográfica - podem evitar conclusões experimentais equivocadas, principalmente quando os procedimentos de medida capturam aspectos do comportamento que são diferentes daqueles pretendidos pelo pesquisador.

Neste estudo, a definição de categorias comportamentais engloba tanto elementos topográficos como funcionais, posto que, por um lado, uma definição exclusivamente topográfica poderia excluir respostas pertencentes à classe de conflito que tivessem formas diferentes daquela investigada. Por outro lado, a forma do comportamento não pode ser desprezada pelo fato de que o registro do comportamento, a partir do método de observação direta, permite a avaliação apenas de comportamentos abertos (ex., para avaliar se o efeito de uma verbalização é de hostilidade, é necessário o relato do parceiro).

Danna e Matos (1989) recomendam que o aspecto funcional do comportamento seja focalizado, quando o interesse está em analisar a ocorrência de determinado efeito do comportamento sobre o ambiente. Dessa maneira, quando a observação visa a seleção ou avaliação do comportamento das pessoas, a classificação funcional é a mais indicada. Frequentemente o agrupamento funcional é utilizado ao se realizar uma análise

funcional do comportamento, a saber, das condições que antecedem e sucedem o comportamento e das relações deste com estas condições (MILLENSON, 1975).

Entretanto, se o objetivo for de treinamento, Danna e Matos (1989) sugerem uma classificação topográfica, que descreva a forma do comportamento, vale dizer, as posturas, os movimentos e a seqüência em que ocorrem. De acordo com as autoras, critérios exclusivamente morfológicos são utilizados quando o interesse é identificar e descrever as posturas, aparências e movimentos apresentados. Danna e Matos (1989) indicam ainda o critério duplo, pela morfologia e função, que consiste na identificação de semelhanças na forma e no efeito dos comportamentos para situações em que se necessita de informações acerca da maneira como um dado efeito é produzido.

Ao classificar os comportamentos, Danna e Matos (1989) sugerem 3 regras básicas: a) as classes formadas devem ser mutuamente excludentes, não deve ocorrer sobreposição de classes, ou seja, cada comportamento deve pertencer a apenas uma das classes; b) todos os comportamentos observados e registrados devem ser classificados, não importando que para isso se criem classes com um único elemento comportamental. O observador pode e deve definir tantas classes quantas forem necessárias para que seu trabalho fique completo; c) o observador deve ser coerente com o critério utilizado. Por exemplo, se adotou o critério funcional, deve utilizá-lo exclusivamente, permanecendo o mesmo grau de especificidade para todas as classes. As autoras, apesar de sugerirem que as 3 regras sejam utilizadas concomitantemente, alertam para o fato de que, em alguns estudos, nem sempre é possível aplicar as 3 regras, principalmente a terceira. Segundo as autoras, o não-seguimento da terceira regra é justificável se o objetivo do trabalho for descrever formas de interação social entre uma díade e se os recursos e tempo disponíveis para a realização do trabalho são limitados. Nesses casos, é comum que se use um critério duplo (morfológico e funcional) bastante específico para os comportamentos de interação e não há por que aplicar critérios rigorosos e extremamente específicos na classificação de comportamentos que não estejam diretamente relacionados ao objetivo do estudo. Porém, quanto aos comportamentos que não representam uma interação, as autoras consideram inadmissível usar uma classificação mais ampla e geral.

Quanto à amplitude do agrupamento, de acordo com o critério utilizado, uma classe incluirá uma quantidade maior ou menor de comportamentos, tornando-se mais abrangente ou mais restrita. O que determina a escolha do critério é o objetivo do trabalho. Danna e Matos (1989) afirmam que a amplitude do agrupamento é influenciada também pelo grau de especificidade do critério adotado que, por sua vez, depende dos objetivos do estudo

observacional e das conveniências do observador. *Crítérios exclusivamente morfológicos, ou exclusivamente funcionais têm uma abrangência maior do que critérios duplos* (DANNA; MATOS, 1989, p. 123).

Além destes, há outros cuidados, referentes à metodologia, que devem ser tomados. De acordo com Cozby (2003), inicialmente o pesquisador precisa decidir quais são os comportamentos de interesse, escolher um ambiente no qual irá observar os comportamentos e, depois de selecionar os comportamentos que considera mais importantes, ele deve desenvolver um sistema de categorização para medir esses comportamentos. O autor sugere que os sistemas de categorização devem ser tão simples quanto possíveis, permitindo que o registro seja feito com facilidade, e replicado por outros pesquisadores.

Segundo Johnston e Pennypacker (1989), no processo de seleção do comportamento alvo, é preciso estar atento para identificar elementos do repertório comportamental que não são relevantes para o estudo, no tocante a critérios baseados na cultura. Por exemplo, se pretendemos estudar o repertório de habilidades sociais em um casal, comportamentos como pentear os cabelos, lavar louças e tantos outros comportamentos não devem ser considerados na análise. Em seguida, caso os critérios escolhidos sejam funcionais, os autores propõe a investigação de eventos ambientais que precedam e sigam as respostas desta classe, sugerindo que sejam identificados os estímulos antecedentes e conseqüentes (possíveis reforçadores que poderiam estar controlando tais respostas). Após a observação e o registro das respostas e a investigação dos antecedentes e conseqüentes, os autores sugerem como passo seguinte que se dê um nome (o mais descritivo possível) para a classe de resposta.

Cunha (1976) afirma que a denominação das categorias é questão de convenção e sugere que o nome que deve ser adotado é aquele que mais pronta e convenientemente evoque a definição da categoria em termos observáveis, visto que a utilidade do nome dado a um evento reside na possibilidade de referi-lo sem se repetir, a todo tempo, sua definição. Contudo, vale lembrar que o nome apenas rotula a categoria, por uma economia de expressão; em outros termos, o uso desse rótulo não deve resultar em falha quanto à coerência e precisão terminológica. A vantagem de uma denominação bem escolhida para uma dada categoria descritiva é que ela evita que se evoquem, em razão de diferentes histórias de condicionamento verbal, significados excedentes aos que determinaram a criação da categoria, reduzindo assim a ambigüidade terminológica.

Outro aspecto ao qual o pesquisador deve estar atento é a definição da descrição do agrupamento. Os conceitos empregados na descrição de um agrupamento devem abranger todos os fenômenos nela inclusos, ao mesmo tempo que exclui todos os outros

fenômenos. Além disso, a descrição deve ser a mais adequada e objetiva possível, com critérios suficientemente delimitados que permitam verificar se um dado fenômeno possui essas propriedades ou não. Para isso, a descrição deve ser direta, explícita e completa, incluindo apenas elementos essenciais e indicar eventos efetivamente observados, evitando fatos interpretados ou inferidos (CUNHA, 1976; DANNA; MATOS, 1989). Danna e Matos lembram ainda a importância do uso de linguagem científica na definição de classes de comportamento, com critérios de objetividade, clareza e precisão, devendo a definição ser expressa na forma direta e afirmativa.

Para que seja explícita, uma definição deve focalizar as semelhanças existentes no aspecto considerado como critério para o agrupamento. Além disso, essas semelhanças devem ser descritas na seqüência natural em que ocorrem. E para que seja completa, a definição deve focalizar todas as semelhanças existentes entre os comportamentos, ou seja, além de focalizar as semelhanças relativas ao critério utilizado, e além de especificar os critérios utilizados pelo observador para delimitar o início e o fim de um comportamento ou seqüência comportamental, a definição deve descrever também as semelhanças referentes às condições necessárias para que o comportamento ocorra. Por exemplo, para a classe “xingar”, seria necessário verificar que uma unidade se inicia no momento em que a pessoa inicia o movimento dos lábios para a verbalização e termina quando: a) ela pára de falar; ou b) ocorre uma interrupção na fala por 10 segundos ou mais. Essa exata delimitação é arbitrária e varia de acordo com as conveniências do observador (facilidades no registro) e dos objetivos do estudo observacional (DANNA; MATOS, 1989).

Danna e Matos (1989) afirmam que a definição de uma classe comportamental é uma tarefa complexa e difícil, e, em síntese, consiste nos seguintes passos: a) definir critério de agrupamento; b) identificar exemplos de comportamentos incluídos na classe; c) dar um nome à classe; d) descrever as condições necessárias para que o comportamento ocorra; e) descrever os eventos que se seguem ao comportamento e, finalmente, definir a unidade de análise. Caso sejam escolhidos critérios funcionais de definição da classe de comportamentos, devem ser tomados cuidados adicionais. Além de todo esse processo de classificação descrito, quando se trata de uma classe funcional, os passos “d” e “e” são especialmente importantes, pois constituem uma análise funcional, a base para a definição do agrupamento com critérios funcionais.

Cabe ressaltar aqui que, tratando-se de uma classe funcional, o agrupamento, a descrição e a denominação de classes comportamentais constituem apenas uma parte da tarefa científica. Depois de cumprida esta etapa, deve ser feito o levantamento e

a descrição das circunstâncias em que tais comportamentos ocorrem, a fim de que, posteriormente, se possam analisar as relações existentes entre as categorias comportamentais e o ambiente (aspectos do ambiente, do organismo e de seu comportamento, eventos presentes, circunstâncias que tenham precedido imediata ou longinquamente etc.). Várias dessas informações são diretamente acessíveis para quem observa o comportamento em suas relações com o ambiente externo. No entanto, várias outras, em virtude dos procedimentos de observação adotados, ou da impossibilidade de observação direta, evitando-se prejudicar a integridade do organismo, constituem informações mais precárias, obtidas por inferência a partir da observação do comportamento.

A observação constitui elemento essencial para a identificação das relações funcionais entre os eventos (antecedentes, comportamentos e as suas conseqüências). No contexto clínico, a observação do comportamento do cliente em sessão e seus relatos são suficientes para o terapeuta realizar uma análise funcional ampla, que atende aos objetivos da terapia. Entretanto, um estudo empírico requer uma coleta de dados mais refinada, com um controle maior de variáveis contextuais, especificando o que observar, quem vai fazer a observação, o local e a maneira de fazê-la. As categorias elaboradas neste estudo poderiam ser úteis no âmbito de pesquisas realizadas em contexto clínico com casais em conflito, como um auxílio para o pesquisador observar a interação desses casais, fornecendo um direcionamento no processo de observação, registro e análise dos dados.

Muitas vezes no ímpeto de produzir novos conhecimentos, o pesquisador, especialmente na análise aplicada do comportamento, acaba suprimindo a importância de uma etapa inicial porém imprescindível do estudo – a observação (por exemplo, no caso de estudos correlacionais, que utilizam unicamente questionários como coleta de dados). Há muito que se avançar ainda no desenvolvimento de métodos e até instrumentos para serem utilizados em pesquisa aplicada. O trabalho de categorização é apenas um desses caminhos. Enfim, a elaboração de categorias é um processo que pode auxiliar na observação. No caso deste estudo, especificamente, a ausência de métodos de investigação que priorizem a medida direta do comportamento, ou seja, que auxiliem na observação e registro de interações de casais em conflito no contexto clínico, sugere a necessidade de mais investigações nesta direção.

DELIMITAÇÃO DO PROBLEMA

Devido à sua relevância clínica, muitos autores dedicam-se ao estudo do relacionamento entre casais. Diversas abordagens em Psicologia desenvolvem e estudam procedimentos terapêuticos no intuito de encontrar soluções para as conseqüências dos relacionamentos conflituosos na preocupação com a saúde e o bem-estar do casal e da família como um todo. A necessidade da criação de classes comportamentais de interações de conflito conjugal surgiu de uma dificuldade na elaboração de uma proposta de intervenção específica para interações de conflito entre casais, ou seja, na necessidade de uma unidade de medida que auxiliasse na análise das interações conflituosas. Constatou-se, dessa maneira, que o primeiro passo para possibilitar uma pesquisa aplicada neste tema seria a elaboração de uma unidade de medida direta, fornecendo os critérios mínimos para observação dos comportamentos e realização do trabalho.

As unidades de medida freqüentemente utilizadas, como aponta a literatura da área, correspondem a instrumentos de medida indireta na avaliação do comportamento do casal, como escalas, inventários e questionários. Estes instrumentos de medida indireta apresentam algumas facilidades para o pesquisador, como, por exemplo, a facilidade de aplicação, que pode ser realizada com uma população em grupo, a praticidade para analisar os dados, geralmente numéricos, e a pequena quantidade de recursos necessários para sua realização.

No entanto, como discutido anteriormente, quando o estudo se baseia nos princípios da Análise do Comportamento, há uma preferência pela utilização de medidas diretas do comportamento, em detrimento das medidas indiretas, porquanto, como afirmaram Johnston e Pennypacker (1989), por definição, o comportamento de relatar não é o mesmo que o comportamento relatado. Por esse motivo, o método de observação direta do comportamento mostra-se como a maneira mais adequada para se obter dados a respeito do comportamento em estudo. A elaboração de categorias comportamentais facilita a observação direta e análise dos dados observados, transformando-os em unidades mensuráveis como registro de freqüência, magnitude e/ou duração.

Sabe-se também que o que importa para o analista do comportamento é a Análise Funcional, ou seja, identificar relações de funcionalidade entre eventos. No caso de um casal em situação de conflito que busca uma clínica, é essencial que se identifiquem as relações funcionais existentes entre os comportamentos de cada um dos membros do casal e

os eventos ambientais (lembrando que no contexto da interação do casal, o comportamento de um dos membros do casal pode constituir-se em elemento do ambiente para o parceiro), pois um fator primordial para o sucesso ou fracasso de uma intervenção psicoterapêutica qualquer é a funcionalidade existente entre os episódios de interação do casal. A observação aparece aqui como ferramenta para o analista do comportamento realizar a Análise Funcional. Em contexto clínico, não há necessidade de um maior refinamento da observação para realizar uma análise funcional. Sua observação em sessão e os relatos dos clientes são suficientes para tal atividade. No entanto, quando se trata de uma pesquisa aplicada em contexto clínico, há a necessidade de maior rigor quanto aos critérios de observação. É justamente neste ponto que a elaboração de categorias poderia contribuir para o trabalho do analista do comportamento auxiliando na realização de uma análise funcional em situação de pesquisa aplicada em contexto clínico.

Em vista da importância de estudos voltados para o bem-estar e a melhoria do relacionamento de casais, a importância da Análise Funcional para o trabalho do analista do comportamento, o uso freqüente de medidas indiretas nos estudos com casais, a importância do uso de medidas diretas para o analista do comportamento, e, finalmente a observação como uma importante ferramenta na realização de uma Análise Funcional, é relevante que estudos em Análise do Comportamento envidem esforços com o fim de identificar classes de resposta no relacionamento de casais, provendo o analista do comportamento de unidades de medida direta para o estudo das interações de casais em contexto clínico. Portanto, um passo inicial para identificar uma relação de funcionalidade entre eventos é a elaboração de categorias comportamentais que auxiliem na observação direta de comportamentos comumente presentes em interações de conflito entre casais.

Sendo assim este trabalho tem por objetivo a elaboração e o refinamento de categorias comportamentais relacionadas ao conflito entre o casal que auxiliem profissionais da área na observação destas interações.

MÉTODO

PARTICIPANTES

Participaram do estudo dois casais. O Casal 1 foi encaminhado por uma instituição religiosa para atendimento psicológico por problemas de relacionamento conjugal e o outro casal (Casal 2), foi encaminhado por uma Clínica Psicológica com indicação para Terapia de Casal. Ambos os casais assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice A) para efetivar sua participação no estudo. A Figura 1 mostra a idade e o tempo de casados dos membros dos dois casais.

	Idade do marido	Idade da Esposa	Tempo de casados
Casal 1	55 anos	53 anos	15 anos
Casal 2	35 anos	33 anos	9 anos

Figura 1 – Dados dos casais participantes

Participaram também quatro estudantes do sexo feminino na faixa etária de 18 a 23 anos, uma cursando o 2º ano de Psicologia na UEL, outra cursando o 4º e duas cursando o 5º ano. Também participou uma terapeuta comportamental do sexo feminino com 27 anos de idade e 3 anos de experiência clínica, tendo realizado 7 atendimentos a casais nesse período. A Figura 2 indica a idade, o ano do curso de Psicologia e a participação anterior de cada uma das 4 avaliadoras em estudos que envolviam observação e registro de comportamentos.

	Idade	Ano do curso	Participação anterior em estudo com observação e registro de comportamentos
Avaliadora 1	21 anos	4º	Nenhuma experiência
Avaliadora 2	22 anos	5º	1 ano
Avaliadora 3	21 anos	5º	3 anos
Avaliadora 4	19 anos	2º	Nenhuma experiência

Figura 2 – Informações sobre as alunas avaliadoras

O convite aos alunos para participarem do estudo foi feito através de edital no Departamento de Psicologia Geral e Análise do Comportamento da UEL. Foram convidados os alunos que fizeram opção pela abordagem comportamental ou que declararam intenção de optar por esta abordagem. Foram selecionados os quatro primeiros alunos que declararam interesse em participar do estudo. O convite à terapeuta foi feito através de telefonema, pelo qual explicou-se que se tratava de um estudo sobre casais em conflito realizado por uma aluna do Programa de Mestrado em Análise do Comportamento.

RECURSOS HUMANOS

Duas terapeutas iniciantes, alunas do 5º ano de Psicologia, uma aluna do Mestrado em Análise do Comportamento (experimentadora), uma docente orientadora e uma docente co-orientadora do estudo.

LOCAL

O atendimento ao Casal 1 foi realizado na Clínica Psicológica da Universidade Estadual de Londrina. O atendimento ao segundo casal foi realizado em uma clínica psicológica particular. A Etapa de Elaboração das categorias foi realizada em salas fechadas (na casa da experimentadora ou da terapeuta avaliadora) na presença apenas da experimentadora e/ou terapeuta avaliadora, preservando-se o sigilo do conteúdo dos vídeos. A Etapa 4 (Refinamento das Categorias) foi realizada em uma sala de vídeo da Universidade Estadual de Londrina e em uma sala reservada de uma clínica psicológica particular.

RECURSOS MATERIAIS E EQUIPAMENTOS

Foram usados papel, caneta, tesoura, envelopes de papel, prancheta para apoio, cliques e grampeador em diferentes etapas do estudo.

As duas primeiras sessões com os casais participantes foram registradas em videoteipe, utilizando-se uma filmadora da marca JVC, modelo GR-SZ9, previamente instalada sobre um tripé no canto da sala, e fitas de vídeo (VHS).

Além da filmadora, foram usados aparelhos televisores para reproduzir as gravações em diferentes Etapas do estudo (Elaboração das categorias e Teste das categorias).

Utilizou-se também computador e impressora para digitação e impressão das transcrições dessas filmagens.

INSTRUMENTOS

Na Etapa 1 foram usados os seguintes instrumentos para a seleção dos casais participantes: Entrevista de Seleção dos Casais (Apêndice B); Escala de Ajustamento Dual (DAS – versão traduzida pela experimentadora – Apêndice C); Inventário de Satisfação Conjugal (IMS - versão traduzida pela experimentadora – Apêndice D); Inventário de Depressão de Beck (Apêndice E). Logo após esta etapa, as duas terapeutas responderam a um questionário (Apêndice F) sobre a percepção delas a respeito dos casais. No atendimento aos casais (Etapa 2), as terapeutas usaram, na Sessão 1, um roteiro de Entrevista Clínica Inicial (Apêndice G) e, na Sessão 2, um texto para discussão (p. 52).

Para as fases de elaboração das categorias feitas, respectivamente, pela experimentadora e pela terapeuta avaliadora, foi confeccionado pela experimentadora um modelo de categorização de comportamentos referentes ao conflito conjugal (Apêndice H). Finalmente, na Etapa 4 (Refinamento das Categorias), os alunos utilizaram o Protocolo de Registro das Categorias apresentado no Apêndice I.

PROCEDIMENTO

O trabalho foi composto de 4 etapas: entrevista de seleção, atendimento aos casais, elaboração das categorias e refinamento das categorias. A Figura 3 mostra as etapas do procedimento e seus respectivos objetivos.

Etapas	Descrição das Etapas	Procedimento	Objetivos
1	Entrevista de seleção dos casais participantes	Informações ao casal, entrevista individual e aplicação de inventários.	Seleção dos casais participantes do estudo.
2	Atendimento aos casais	Duas sessões estruturadas, conduzidas por duas terapeutas.	Filmagem das interações para posterior análise.
3	Elaboração de categorias	Fase 1 - Elaboração de categorias comportamentais pela experimentadora; Fase 2 - Elaboração de categorias comportamentais pela terapeuta avaliadora; Fase 3 - Comparação e definição das categorias	Elaboração de categorias e definição de uma lista única a partir da comparação entre as categorias propostas pela experimentadora e terapeuta avaliadora
4	Refinamento das categorias	Observação e registro das categorias, realizados por 4 estudantes. Cálculo de concordância entre observadores.	Aperfeiçoar as categorias quanto à clareza e objetividade.

Figura 3 – Descrição das Etapas do procedimento e seus objetivos

Etapa 1 - Entrevista de seleção dos casais participantes. Tanto o Casal 1 (encaminhado pela instituição religiosa) como o Casal 2 (encaminhado por uma clínica psicológica particular) foram contatados através de um telefonema e convidados a participar de uma entrevista de seleção, conduzida por duas terapeutas.

A entrevista ocorreu em duas fases: uma primeira parte, conjunta, na qual participaram as duas terapeutas e o casal, e uma parte individual, na qual cada terapeuta conduziu um dos membros do casal a uma sala diferente. Na primeira parte (conjunta), o casal foi informado que estava sendo convidado a participar de um estudo sobre casais em conflito, conduzido por uma aluna do Programa de Mestrado em Análise do Comportamento, sob orientação de uma docente do Programa. Foi solicitado ao casal a permissão para filmagem das sessões e utilização das gravações para o estudo. Na segunda parte da entrevista de seleção - individual - o casal foi perguntado quanto à presença de violência física no relacionamento e quanto a problemas com alcoolismo ou abuso de substâncias químicas. Ainda nesta fase, o casal respondeu, individualmente, aos seguintes instrumentos: DAS¹¹

¹¹ Versão original em inglês, traduzida pela experimentadora para utilização neste estudo.

(*Dyadic Adjustment Scale* – Apêndice C); IMS¹² (*Index of Marital Satisfaction* – Apêndice D); e BDI (*Bender Depression Inventory* - Apêndice E). Os critérios de exclusão foram: presença de violência física entre o casal; abuso de psicotrópicos; detecção de algum outro problema clínico relevante durante a entrevista e não-permissão para filmagem das sessões. Caso um dos membros do casal ou ambos apresentassem um ou mais dos critérios de exclusão, eles eram encaminhados para atendimento na clínica-escola da Universidade Estadual de Londrina e um outro casal seria entrevistado, até que dois casais fossem selecionados para participar do estudo. Como ambos os casais atenderam aos critérios, eles foram solicitados a assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (conforme exigências do Comitê de Ética¹³ em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Estadual de Londrina - Apêndice A).

Etapa 2 - Atendimento aos casais. Duas estudantes do 5º ano de graduação em Psicologia da Universidade Estadual de Londrina e uma aluna do mestrado realizaram os atendimentos. Com exceção do atendimento individualizado e da atividade conjunta realizada pelo casal, em todas as outras sessões, duas terapeutas ficavam na sala. As terapeutas foram supervisionadas por uma docente do programa de mestrado em Análise do Comportamento.

Foram realizadas duas sessões estruturadas com cada casal selecionado. As sessões foram registradas em vídeo. As duas sessões tiveram estrutura semelhante, com duração aproximada de 60 minutos, dividida em 3 blocos. Nos 20 minutos iniciais (Bloco 1), a sessão foi conjunta; nos 10 minutos seguintes (Bloco 2), o casal realizou uma atividade estruturada na ausência das terapeutas; e nos 30 minutos finais (Bloco 3), a sessão foi individual, ou seja, cada terapeuta conduziu seu respectivo cliente a uma sala diferente. A Figura 4 representa a estrutura das sessões e suas respectivas atividades.

¹² Versão original em inglês, traduzida pela experimentadora para utilização neste estudo.

¹³ Trabalho aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Estadual de Londrina, sob parecer nº 205/05.

	Bloco 1	Bloco 2	Bloco 3
Sessões	Sessão conjunta	Atividade na ausência das terapeutas	Sessão individual
Sessão 1	Terapeutas dirigem a seguinte questão ao casal: “Como foi a semana?”	Atividade: O casal escolhe um assunto de discordância e conversa sobre este tema	Entrevista Clínica Inicial
Sessão 2	Terapeutas dirigem a seguinte questão ao casal: “Como foi a semana?”	Atividade: O casal lê um texto contendo um diálogo entre marido e mulher e discute seu conteúdo	Continuação da Entrevista Clínica

Figura 4 – Estrutura das sessões de atendimento.

Ao final desta etapa ambos os casais receberam atendimento gratuito na modalidade Terapia de Casal, e continuaram sendo atendidos pelas terapeutas participantes do estudo.

Sessão 1. A sessão iniciou com a presença das duas terapeutas e de um dos casais. Após uma conversa informal nos minutos iniciais, o casal foi avisado que, como o objetivo das primeiras sessões era de coleta de dados, diagnóstico e avaliação, não haveria intervenção nem *feedback*. Foi comunicado também que as terapeutas que realizavam os atendimentos recebiam supervisão de um profissional com experiência no atendimento a casais.

Em seguida, as terapeutas dirigiram ao casal a seguinte pergunta: “Como foi a semana?” (Bloco 1 – Sessão conjunta), com o objetivo de estimular o casal a falar sobre suas interações e sua rotina, possibilitando dados para observação da interação do casal. As terapeutas interagiram com o casal, ouvindo tanto o homem como a mulher e levantando questões sobre sua rotina e sobre o relacionamento conjugal, como “E o que mais vocês fizeram esta semana?”; “Vocês realizaram alguma atividade juntos? Quais?”. Passados aproximadamente 20 minutos, as terapeutas solicitaram ao casal que escolhessem um tema de discordância e conversassem sobre ele durante cerca de 10 minutos, na ausência delas (Bloco 2 – Atividade na ausência das terapeutas). Esta atividade teve por objetivo fazer com que o casal falasse sobre suas discordâncias, possibilitando também dados para que pudesse ser realizada a observação da maneira como o casal interage. O casal foi informado que a filmadora continuaria ligada e as terapeutas retiraram-se da sala. Passados os 10 minutos, as terapeutas retornaram à sala, e conduziram o marido e a esposa às respectivas salas para a

realização da sessão individual (Bloco 3 – Sessão individual), na qual realizaram uma Entrevista Clínica Inicial (ECI - Apêndice G), baseada em Gongora e Silvares (1998).

Sessão 2. A parte inicial da Sessão 2 (Bloco 1 - Sessão Conjunta) ocorreu de maneira semelhante à Sessão 1, posto que houve uma conversa informal nos primeiros minutos e, em seguida, as terapeutas dirigiram a mesma pergunta ao casal : “Como foi a semana?”, com o mesmo objetivo da primeira sessão, ou seja, fazer com que o casal conversasse sobre suas interações e sua rotina, possibilitando dados para observação da interação do casal. Passados aproximadamente 20 minutos, as terapeutas solicitaram ao casal que realizassem uma atividade juntos (Bloco 2 – Atividade na ausência das terapeutas), com o objetivo de possibilitar dados para observação da maneira como o casal interage. Assim como na Sessão 1, o casal foi informado que as terapeutas se retirariam da sala e que a filmagem da sessão continuaria. As terapeutas explicaram que a atividade consistia na leitura e discussão de um pequeno texto - correspondente a um trecho de um diálogo entre um casal - e entregaram uma folha impressa com o seguinte conteúdo escrito:

Esposa: Querido, que bom que você chegou... Como foi seu dia?

Marido: Foi bom.

Esposa: Alguma novidade?

Marido: Encontrei o Carlos.

Esposa: E ele, como está?

Marido: Bem.

Esposa: E como está a mulher dele, depois de uma semana internada no hospital?

Marido: Não sei, ele não disse.

Esposa: Ele não disse? Você quer dizer que não perguntou?

Marido: Bem, não, mas se houvesse algum problema com certeza ele teria me dito.

Esposa: Então... como vai a filha dele recém-casada?

Marido: Ora, ele não falou nada...

Esposa: E a mãe dele ainda está fazendo quimioterapia?

Marido: Humm.... não tenho certeza...

Em seguida, as terapeutas perguntaram ao casal se haviam compreendido a atividade e, após resposta afirmativa, retiraram-se da sala. Passados 10 minutos, as terapeutas retornaram à sala e conduziram cada membro do casal à respectiva sala, para iniciarem a parte individual da sessão (Bloco 3 – Sessão individual), na qual as terapeutas continuaram, individualmente, a ECI iniciada na Sessão 1.

Somente a filmagem das sessões conjuntas (Bloco 1) e atividades realizadas pelo casal na ausência das terapeutas (Bloco 2) foram analisadas neste estudo, sendo

descartadas as sessões individuais (Bloco 3) pois tais sessões visavam atender a necessidade dos participantes. Dessa maneira, os Blocos 1 e 2 das duas sessões (Sessão 1 e Sessão 2) de ambos os casais (Casal 1 e Casal 2) foram usadas nas etapas seguintes do estudo para elaboração e teste das categorias. No processo de elaboração das categorias (Etapa 3) apenas a filmagem das sessões do Casal 1 foi usada. Na Etapa 4 (Refinamento das Categorias), cujo objetivo era avaliar se as categorias elaboradas poderiam ser usadas para registro das interações entre membros de outro casal, foram usadas, além das sessões do Casal 1, também as sessões do Casal 2. O uso das sessões do Casal 2 teve por finalidade avaliar a generalização dessas categorias, procurando-se saber se as categorias elaboradas a partir das interações do Casal 1 também poderiam ser usadas para avaliar as interações de um outro casal.

Etapa 3 – Elaboração de categorias. A elaboração das categorias foi feita em 3 fases. Fase 1 – Elaboração de categorias pela experimentadora; Fase 2 – Elaboração de categorias pela terapeuta avaliadora e Fase 3 – Comparação entre as categorias obtidas nas Fases 1 e 2.

Fase 1 – Elaboração de categorias pela experimentadora. Nesta fase a experimentadora assistiu às fitas das Sessões 1 e 2 do Casal 1¹⁴, e transcreveu seu conteúdo. Foi feito o registro contínuo das sessões, ocasião em que se realizou, em um período ininterrupto de tempo, o registro de tudo o que ocorre na situação obedecendo-se à seqüência temporal em que os fatos se dão (DANNA; MATOS, 1989). A sessão foi transcrita empregando-se uma folha de registro na qual eram identificados os eventos que antecederiam o comportamento de um dos membros do casal, o comportamento propriamente dito e os eventos que se seguiam a este comportamento como apresentado na Figura 5. Em seguida, a transcrição foi impressa em papel A4 espaço simples, resultando em aproximadamente 70 (setenta) páginas.

¹⁴ Para a elaboração das categorias, foram usados, das Sessões 1 e 2 do Casal 1, os 20 minutos iniciais (Bloco 1 - Sessão Conjunta) e os 10 minutos nos quais o casal realizava conjuntamente uma atividade, na ausência das terapeutas (Bloco 2 – Atividade na ausência das terapeutas). As filmagens do Casal 2 não foram usadas nesta Etapa do estudo.

Trecho 1	Marido (com os braços cruzados) vira o rosto em direção oposta à esposa e suspira profundamente.	Esposa verbaliza em tom de voz elevado: Ele me critica o tempo todo, não suporto mais a presença dele.	Marido diz: Essas suas palavras demonstram como você é uma pessoa descontrolada.
Trecho 2	Marido verbaliza: Essas suas palavras demonstram como você é uma pessoa descontrolada.	Esposa diz: Descontrolada, eu? E você é egoísta, cínico e mentiroso.	Marido vira-se para a terapeuta e verbaliza: Está vendo como ela me trata?

Figura 5 – Exemplo do modelo empregado na transcrição das filmagens

Em seguida, cada transcrição foi lida por completo duas vezes para garantir uma compreensão geral das interações analisadas. Posteriormente, cada trecho da sessão foi analisado e separado de acordo com as semelhanças e diferenças que apresentava, sendo seu conjunto organizado em temas gerais. O método utilizado para elaboração das categorias foi baseado no Método Comparativo Constante (TURMAN, 2003)¹⁵. Este método consiste em identificar temas emergentes comparando suas diferenças e similaridades com os temas gerais existentes. Cada vez que um novo tema surge, uma nova categoria é criada (TURMAN, 2003). Os trechos foram classificados pela experimentadora (aluna de mestrado) e, posteriormente, essa classificação inicial foi discutida e revisada pela orientadora deste estudo e pela experimentadora. Após a elaboração das categorias, o passo seguinte foi descrever cada uma delas. Depois da descrição, alguns títulos foram alterados, permanecendo aqueles que melhor descrevessem os trechos que compunham a categoria em questão. Em seguida essas categorias inicialmente criadas foram reavaliadas pela experimentadora e pela pesquisadora. Com base nessas alterações, cada trecho foi novamente revisto, dando origem às categorias finais elaboradas pela experimentadora.

Fase 2 - Elaboração de categorias pela terapeuta avaliadora. Uma terapeuta de abordagem analítico-comportamental com experiência no atendimento a casais

¹⁵ Journal of Sport Behavior, v.26, 1, p. 191. Coaches and Coesion. O processo completo compreende 6 passos. Primeiro, cada transcrição é lida por completo duas vezes para garantir uma compreensão geral das interações analisadas. Segundo, cada pesquisador grava os temas emergentes, acrescentando uma descrição e um título para cada tema. Terceiro, os primeiros pesquisadores discutem juntos os temas encontrados em detalhes, para obter consenso entre eles. Quarto, os achados são escritos para garantir que as vozes e os temas de todos os informantes foram incluídos no estudo. Finalmente, as transcrições são lidas novamente para garantir a precisão e consistência das categorias, procurando por qualquer explicação contraditória dos temas encontrados (MILES; HUBERMAN, 1994).

avaliou os mesmos vídeos usados na Fase 1 desta Etapa, de acordo com as instruções contidas no Protocolo de Observação e Registro das Categorias (Apêndice I). A terapeuta não tinha conhecimento das categorias elaboradas pela experimentadora na Fase 1.

A terapeuta avaliadora recebeu duas fitas de vídeo, contendo as mesmas interações do Casal 1 (Bloco 1 - Sessão Conjunta e Bloco 2 - Atividade na ausência das terapeutas) das mesmas sessões (Sessão 1 e Sessão 2) avaliadas pela experimentadora na Fase 1. As filmagens do Casal 2 não foram utilizadas nesta Etapa do estudo.

A terapeuta foi instruída a assistir aos vídeos, e, a partir das interações do casal, elaborar categorias comportamentais, dando um nome a cada categoria e exemplos da mesma. Para tanto, recebeu também fichas de registro (iguais às utilizadas pela experimentadora na Fase 1) com instruções e o modelo para elaborar as categorias (Apêndice H – Modelo de categorização de comportamentos referentes ao conflito conjugal). Foi instruída também a escolher um local reservado para realizar tal atividade, respeitando o sigilo do conteúdo dos vídeos. A terapeuta poderia rebobinar a fita e assistir tantas vezes quantas julgasse necessário para a elaboração das categorias, concluindo a atividade em um prazo de 60 dias após o seu recebimento.

Fase 3 – Comparação das categorias obtidas nas Fases 1 e 2. Nesta etapa, as categorias listadas pela terapeuta avaliadora foram comparadas com aquelas elaboradas pela experimentadora. Com base nessa comparação, foi definida uma lista única, com as categorias de consenso entre a avaliadora e a experimentadora. Divergências quanto às categorias foram discutidas para obter consenso entre ambas.

Etapa 4 - Refinamento das categorias. Esta Etapa teve a finalidade de aperfeiçoar as categorias elaboradas quanto à sua clareza e objetividade, facilitando o processo de observação e registro das respostas. Para isso, quatro alunas de Psicologia avaliaram as interações dos casais, utilizando as categorias definidas na Etapa 3. Nesta Etapa, além de avaliar as interações do Casal 1, as alunas avaliaram também as interações do Casal 2, com o objetivo de investigar se as mesmas categorias, elaboradas com base nas interações do Casal 1, poderiam ser usadas para avaliar também as interações de um outro casal. Foram avaliadas as interações contidas nas filmagens das Sessões 1 e 2 de ambos os casais, como mostra a Figura 6.

Casal	Sessão	Bloco	Atividade realizada	Duração
C1	1	1	Sessão conjunta	Duração: 22 minutos
		2	Atividade na ausência das terapeutas	Duração: 10 minutos
	2	1	Sessão conjunta	Duração: 15 minutos
		2	Atividade na ausência das terapeutas	Duração: 14 minutos
C2	1	1	Sessão conjunta	Duração: 21 minutos
		2	Atividade na ausência das terapeutas	Duração: 11 minutos
	2	1	Sessão conjunta	Duração: 23 minutos
		2	Atividade na ausência das terapeutas	Duração: 09 minutos

Figura 6 – Organização e tempo de duração das sessões avaliadas pelas avaliadoras.

Em uma sala de vídeo, as alunas assistiram, ora coletivamente, ora individualmente, às sessões gravadas de ambos os casais. Para a observação e registro das categorias, a forma individual ou coletiva era escolhida aleatoriamente, ou de acordo com a disponibilidade das avaliadoras. Para cada categoria avaliada, as alunas assistiram integralmente aos vídeos, totalizando 8 vezes cada sessão, o que correspondia às 8 categorias finais elaboradas.

Na avaliação de cada categoria, as avaliadoras recebiam um Protocolo de Registro (Apêndice I) referente à categoria testada. Por exemplo, no refinamento da Categoria Discordar do Parceiro, as alunas receberam o Protocolo de Registro dessa mesma categoria, contendo 8 páginas, uma para cada bloco (Casal 1/Sessão 1/Bloco 1; Casal 1/Sessão 1/Bloco 2; Casal 1/Sessão 2/Bloco1; Casal 1/Sessão 2/Bloco 2; Casal 2/Sessão 1/Bloco1; Casal 2/Sessão 1/Bloco2; Casal 2/Sessão 2/Bloco1 e Casal 2/Sessão 2/Bloco2).

Para cada categoria avaliada, as alunas receberam treinamento, que consistia na leitura do nome, descrição e exemplos da categoria e questionamento das dúvidas. Quando necessário foi solicitado às avaliadoras, durante o treino, citar exemplos da categoria para garantir compreensão. Depois de esclarecidas as dúvidas, as alunas foram instruídas a registrar, minuto a minuto a frequência com que a categoria aparecia no vídeo. Foi dada a seguinte instrução: “Agora você (s) vai (vão) avaliar a Categoria “X”. Você (s) deve (m)

anotar a frequência, minuto a minuto, com que essa categoria aparece no vídeo. Você (s) será (rão) informado (s) a cada mudança de minuto. Em caso de dúvida, anote com um ponto de interrogação no minuto em que ela ocorreu, e, ao final deste trecho, a dúvida deverá ser exposta. Podemos começar?”.

Este mesmo procedimento era adotado para cada categoria, com exceção da Categoria 8, na qual a exibição dos vídeos foi interrompida para discussão, a cada registro. Somente para a Categoria 8, as alunas foram instruídas a levantarem a mão no momento em que identificassem um comportamento referente a essa categoria. Este procedimento foi adotado a pedido das avaliadoras, devido à alta frequência de dúvidas nesta categoria. Em todas as outras 7 categorias, elas não poderiam interromper a exibição para tirar dúvidas e foram instruídas a anotar um ponto de interrogação no minuto em que houvesse dúvida. No final de cada Bloco da sessão (Ex. Casal 2/Sessão 1/Bloco 2) as dúvidas deveriam ser expostas. Nesse momento, a fita poderia ser rebobinada e era feita nova apresentação daquele minuto. Caso a dúvida persistisse, a descrição da categoria era retomada e a experimentadora pedia às alunas que a lessem e citassem mais exemplos, e com base nisso cada uma decidia o que registrar. As alunas podiam discutir entre si e até mudar o seu registro. A experimentadora não interferia no registro feito por elas durante esta etapa. Foram programados intervalos para descanso, lanche e banheiro nas seguintes transições: Casal 1/Sessão 1 para Casal 1/Sessão 2, Casal 1/ Sessão 2 para Casal 2/Sessão 1 e Casal 2/Sessão 1 para Casal 2/Sessão 2.

Cálculo de concordância entre as avaliadoras. Foi realizado um cálculo de concordância entre os dados produzidos pelas 4 alunas avaliadoras, resultando em um índice de concordância entre observadores para cada categoria avaliada. O objetivo desta etapa foi investigar se as categorias, para aquele grupo de alunas, tinham uma descrição clara, ou se foi possível identificar exemplos das categorias elaboradas neste estudo, nas interações tanto do Casal 1 como do Casal 2. O método escolhido foi o cálculo de concordância ponto-a-ponto, que avalia se há acordo em cada instância do comportamento observado, sendo mais preciso do que o cálculo de frequência (KAZDIN, 1982). Foi considerado acordo somente os intervalos em que existiram registros, excluindo-se aqueles intervalos nos quais nenhum dos observadores efetuou algum registro. Este método foi adotado para evitar distorções nos resultados, pois, do contrário, os minutos com ausência de registros seriam computados como acordos, já que, neles, todos os observadores concordaram com a não-ocorrência do

comportamento. O cálculo de concordância foi feito dividindo-se o número de acordos pelo número de acordos e desacordos e multiplicando-se o resultado por 100.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

ELABORAÇÃO DAS CATEGORIAS

Inicialmente foram identificados 14 temas, recebendo cada um deles um nome. A Figura 7 apresenta os 14 temas inicialmente propostos e exemplos de cada um deles.

	Tema inicial	Exemplo
1	Reclamar do parceiro	Esposa diz: Ele cozinha, mas exagera na mistura. É arroz, feijão, macarrão, lingüiça, frango... ainda mais de domingo, né, era melhor comer um lanche.
2	Reclamar das obrigações de rotina	Esposa diz: Todo dia é a mesma coisa, levantar, trabalhar, cuidar da casa, da geladeira... sem novidades.
3	Descrever problemas ou dificuldades do parceiro	Esposa diz, referindo-se ao marido: Ele não foi comigo ao encontro porque tem problema pra ir no banheiro, tem que sair correndo no meio da missa (risos)....
4	Falar de si próprio, do que gosta ou emitir opinião	Esposa diz: Eu gosto de ir à missa porque é o único lugar onde eu me sinto bem.
5	Concordar com o parceiro	Esposa diz: Ele gosta de cozinhar. Marido diz: É, cozinhar eu realmente gosto.
6	Desmentir ou discordar do parceiro	Esposa diz: Você chega em casa com a cara fechada, eu pergunto se está tudo bem, e você responde bravo– “Tudo bem, tudo bem!!!” Marido diz: Não, era completamente diferente.
7	Demonstrar atenção à fala ou comportamento do parceiro	Marido diz: Já passei duas noites em claro, sem dormir um minuto. Mesmo cansado não conseguia dormir de jeito nenhum. Esposa vira o rosto na direção do marido, olhando pra ele enquanto ele fala. Em seguida, olha para a terapeuta, levanta as sobrancelhas, enclinando a cabeça e apertando os lábios.
8	Engajar-se em outros comportamentos enquanto o parceiro fala	Esposa diz: Eu participo de oito escolas da igreja, é muito importante para o crescimento espiritual... Marido olha para cima, em seguida abaixa a cabeça. Manipula o guarda-chuva e suspira profundamente.
9	Prestar atenção ao que a terapeuta diz ou seguir instruções da Terapeuta	Terapeuta diz, entregando um papel ao marido: Agora vocês vão ler e discutir esse texto. Marido pega o texto e começa a ler.
10	Demonstrar incômodo em relação ao parceiro ou ao que o parceiro faz	Enquanto esposa lê o texto, marido inclina o corpo na sua direção, esticando o pescoço e olhando para o papel. Esposa pára de ler, e diz, entregando o papel ao marido: Já leu tudo? Toma, pode ler.
11	Calar-se diante da fala do parceiro	Esposa diz: Isso aí é um vício que você tem de comprar. Marido suspira profundamente, abaixa a cabeça e cruza os braços.
12	Menosprezar o parceiro ou atitude do parceiro	Marido diz: Eu preparei um pernil assado pra estar bemquentinho na hora que ela chegasse. Esposa diz: Eu não ligo pra comida, não, preferia comer um lanche, mas já que está lá mesmo, eu como.
13	Falar sobre atividades do casal	Marido diz: Antigamente a gente saía, ia almoçar fora, na pizzeria, no clube. Até no forró a gente ia.
14	Demonstrar cansaço	Terapeuta dá instruções para atividade e entrega texto. Enquanto o marido coloca os óculos e começa a ler, esposa tira os óculos, esfrega os olhos com a mão, levanta-se da cadeira e diz: Vou beber água.

Figura 7 – Temas iniciais identificados pela experimentadora

Com base nesses temas iniciais, realizou-se uma revisão e discussão entre a experimentadora e a orientadora do trabalho; aqueles que apresentavam exemplos similares

foram agrupados. Este procedimento teve por objetivo diminuir o número de categorias. De acordo com Johnston e Pennypacker (1993), um número reduzido de categorias facilita a sua observação e registro. Além disso, este procedimento facilita o processo de criar categorias excludentes entre si. Danna e Matos (1989) sugerem que, na classificação de comportamentos, as classes formadas devem ser mutuamente excludentes. Não deve ocorrer sobreposição de classes, pertencendo cada comportamento a apenas uma das classes. Outra consequência deste procedimento é que, agrupando os temas, as categorias formadas são mais abrangentes que os temas iniciais. Quanto à amplitude do agrupamento, Danna e Matos (1989) afirmam que a escolha do critério depende do objetivo do trabalho e das conveniências do observador. Como o objetivo deste estudo foi desenvolver categorias que possibilitassem a observação da interação entre cônjuges, justifica-se a escolha de critérios bastante específicos de interação.

Com essas alterações, algumas categorias foram desmembradas e parte de seus exemplos foi para uma categoria, parte foi para outra, ou ainda era criada uma nova categoria com os exemplos que restaram. A Figura 8 mostra os temas iniciais, os exemplos e as categorias formadas a partir do agrupamento dos temas iniciais.

Temas iniciais	Exemplos	Categorias
<ul style="list-style-type: none"> - Desmentir ou discordar do parceiro - Menosprezar o parceiro ou atitude do parceiro 	<p>Esposa diz: Você chega em casa com a cara fechada, eu pergunto se está tudo bem, e você responde bravo– “Tudo bem, tudo bem!!!”</p> <p>Marido diz: Não, era completamente diferente.</p>	<i>Discordar do parceiro</i>
	<p>Marido diz: Eu preparei um pernil assado pra estar bem quentinho na hora que ela chegasse.</p> <p>Esposa diz: Eu não ligo pra comida, não, preferia comer um lanche, mas já que está lá mesmo, eu como, né.</p>	
<ul style="list-style-type: none"> - Concordar com o parceiro - Demonstrar atenção à fala ou comportamento do parceiro 	<p>Esposa diz: Ele gosta de cozinhar.</p> <p>Marido diz: É, cozinhar eu realmente gosto.</p>	<i>Concordar com o parceiro</i> <i>Elogiar o parceiro</i>
	<p>Marido diz: Já passei duas noites em claro, sem dormir um minuto. Mesmo cansado não conseguia dormir de jeito nenhum.</p> <p>Esposa vira o rosto na direção do marido, olhando pra ele enquanto ele fala. Em seguida, olha para a terapeuta, levanta as sobrancelhas, enclinando a cabeça e apertando os lábios.</p>	
<ul style="list-style-type: none"> - Engajar-se em outros comportamentos enquanto o parceiro fala - Demonstrar cansaço 	<p>Esposa diz: Eu participo de oito escolas da igreja, é muito importante para o crescimento espiritual...</p> <p>Marido olha para cima, em seguida abaixa a cabeça. Manipula o guarda-chuva e suspira profundamente.</p>	<i>Engajar-se em outros comportamentos</i>
	<p>Terapeuta dá instruções para atividade e entrega texto. Enquanto o marido coloca o óculos e começa a ler, esposa tira os óculos, esfrega os olhos com a mão, levanta-se da cadeira e diz: Vou beber água.</p>	
<ul style="list-style-type: none"> - Calar-se diante da fala do parceiro 	<p>Esposa diz: Isso aí é um vício que você tem de comprar.</p> <p>Marido suspira profundamente, abaixa a cabeça e cruza os braços.</p>	<i>Calar-se</i>
<ul style="list-style-type: none"> - Reclamar do parceiro - Descrever problemas ou dificuldades do parceiro - Demonstrar incômodo em relação ao parceiro ou ao que o parceiro faz 	<p>Esposa diz: Ele cozinha, mas exagera na mistura. É arroz, feijão, macarrão, lingüiça, frango... ainda mais de domingo, né, era melhor comer um lanche.</p>	<i>Criticar o parceiro</i>
	<p>Esposa diz, referindo-se ao marido: Ele não foi comigo ao encontro porque tem problema pra ir no banheiro, tem que sair correndo no meio da missa (risos)....</p>	
	<p>Enquanto esposa lê o texto, marido inclina o corpo na sua direção, tentando ler junto. Esposa pára de ler, e diz em tom de voz aparentemente irritado, entregando o papel ao marido: Já leu tudo? Toma, pode ler.</p>	
<ul style="list-style-type: none"> - Falar de si próprio, do que gosta ou emitir opinião - Reclamar das obrigações de rotina - Falar sobre atividades do casal 	<p>Esposa diz: Eu gosto de ir à missa porque é o único lugar onde eu me sinto bem.</p>	<i>Falar sobre si próprio</i>
	<p>Esposa diz: Todo dia é a mesma coisa, levantar, trabalhar, cuidar da casa, da geladeira... sem novidades.</p>	
	<p>Marido diz: Antigamente a gente saía, ia almoçar fora, na pizzaria, no clube. Até no forró a gente ia.</p>	
<ul style="list-style-type: none"> - Prestar atenção ao que a Terapeuta diz ou Seguir instruções da Terapeuta 	<p>Terapeuta diz, entregando um papel ao marido: Agora vocês vão ler e discutir esse texto.</p> <p>Marido pega o texto e começa a ler.</p>	<i>Outros</i>

Figura 8 – Temas iniciais, exemplos e temas agrupados (novas categorias)

Como mostra a Figura 8, alguns temas ou categorias iniciais foram agrupados pois os exemplos que os caracterizavam eram similares. Neste agrupamento, algumas categorias mantiveram seus nomes originais (ex., categoria *Concordar com o parceiro*) enquanto que para outras os títulos foram alterados de maneira a abranger todas as categorias iniciais que se agruparam (ex., *Calar-se*).

Os temas iniciais “Desmentir ou discordar do parceiro” e “Menosprezar o parceiro ou atitude do parceiro”; “Demonstrar atenção à fala ou comportamento do parceiro” e “Concordar com o parceiro”; “Demonstrar cansaço” e “Engajar-se em outros comportamentos enquanto o parceiro fala” apresentavam exemplos funcionalmente similares e por esse motivo foram agrupados (ex., os trechos que caracterizavam as categorias “Desmentir ou discordar do parceiro” e “Menosprezar o parceiro ou atitude do parceiro” referiam-se à ação de discordar do parceiro e/ou apresentar opinião divergente e foram agrupadas, formando a categoria intitulada *Discordar do parceiro*).

Os exemplos da categoria inicial “Demonstrar incômodo em relação ao parceiro ou ao que o parceiro faz” (ex., Enquanto esposa lê o texto, marido inclina o corpo na sua direção. Esposa pára de ler, abaixa o texto, impossibilitando o marido de ler junto e cruza os braços. Marido olha para a esposa e volta seu corpo à posição inicial, olhando para a frente) foram transferidos do tema inicial “Calar-se diante da fala do parceiro” para *Calar-se*. Nesta categoria o título foi alterado para *Calar-se*, tornando-se mais abrangente.

Um exemplo da categoria “Concordar com o parceiro” foi discutido entre a experimentadora e a pesquisadora e uma nova categoria foi criada. No trecho “Esposa diz: Ele gosta de cozinhar. Marido diz: É, cozinhar eu realmente gosto”, além da função de concordar com o parceiro, o aspecto de reconhecer uma habilidade ou preferência do parceiro foi considerado relevante, principalmente para o processo terapêutico. Por esse motivo, foi criada a categoria *Elogiar o Parceiro*, que, apesar de não aparecer com frequência na interação deste casal, foi considerada uma categoria importante de ser avaliada na interação de casais em terapia.

Finalmente, o tema “Prestar atenção ao que a Terapeuta diz” ou “Seguir instruções da Terapeuta” transformou-se em uma categoria bastante ampla, com título *Outros*, com o objetivo de englobar algum tema adicional que possa ter passado despercebido. Desse modo, totalizaram 8 categorias elaboradas pela experimentadora. Em seguida, foi elaborada a descrição de cada categoria. Essa elaboração foi feita lendo-se os trechos (exemplos) da categoria em questão e procurando-se dar descrições gerais para esses exemplos. A descrição deveria ser geral o suficiente para incluir todos os exemplos contidos nela, sem que, no

entanto, deixasse de ser uma categoria excludente em relação às outras. Segundo Danna e Matos (1989), a descrição deve ser explícita e completa, incluindo somente elementos que lhe sejam pertinentes.

Danna e Matos (1989) afirmam ainda que, para que a descrição seja completa, ela deve, não só tratar das condições necessárias para que o comportamento ocorra, mas também especificar os critérios que delimitam exatamente o início e o fim de uma unidade do comportamento. Estas considerações das autoras também foram levadas em conta neste estudo. Por exemplo, a categoria *Discordar do parceiro*, apresenta, como condição necessária, que o comportamento ocorra diante da apresentação de uma opinião do parceiro ou de um tema que está sendo discutido. Uma unidade desta categoria inicia-se com uma verbalização ou gesto logo após opinião do parceiro e termina com o fim da verbalização ou gesto, ou após 10 segundos de interrupção do gesto ou fala. Esta delimitação de critérios facilita uma quantificação mais precisa dos comportamentos. Como sugerem Danna e Matos (1989), a exata delimitação desses critérios é arbitrária e normalmente é executada pelo observador, de acordo com as facilidades apresentadas no registro e os objetivos do estudo observacional.

Com relação aos títulos das categorias, foram escolhidos aqueles que a experimentadora julgou que fossem os menores e que mais se aproximavam da descrição em relação ao conteúdo. Danna e Matos (1989) afirmam que um título apropriado é aquele que sugere ao leitor a ação que está sendo definida. Cunha (1979) recomenda que o nome da categoria adotado seja aquele que mais pronta e objetivamente evoque a definição da classe. Por esse motivo, procurou-se escolher títulos descritivos do comportamento, em vez de interpretativos. Por exemplo, os temas iniciais “Desmentir ou discordar do parceiro” e “Menosprezar o parceiro ou atitude do parceiro” possuem em seus títulos palavras que remetem a julgamentos e dificultam a identificação e registro, como “Desmentir” e “Menosprezar”, que podem levar a diferentes interpretações (como avaliar, no momento da observação e registro, se o que o cônjuge diz é uma mentira ou não; do mesmo modo, a palavra “Menosprezar” envolve julgamento do que se considera prezar, desprezar ou menosprezar). Por esse motivo, foi escolhido o título *Discordar do parceiro*, posto que deve haver uma opinião exposta por um dos cônjuges, e um argumento ou gesto contrário a essa primeira opinião para que um comportamento seja incluído nessa categoria. De acordo com Danna e Matos (1989), a importância de atribuir um título à categoria reside no fato de que facilita o processo de comunicação, evitando que se evoque constantemente a sua definição. A

Figura 9 apresenta as 8 categorias elaboradas pela experimentadora com suas respectivas descrições.

Categorias	Título da Categoria	Descrição das categorias
1	<i>Discordar do parceiro</i>	Apresentar opiniões divergentes sobre um tema que está sendo discutido, argumentar contra a fala do parceiro com palavras ou gestos (ex. balançar a cabeça negativamente, negar o que está sendo dito pelo parceiro, desmentir o parceiro etc).
2	<i>Concordar com o parceiro</i>	Concordar com as opiniões do parceiro, corroborar afirmações feitas pelo parceiro com palavras ou gestos (ex. balançar a cabeça afirmativamente, sorrir em sinal de aprovação etc).
3	<i>Engajar-se em outros comportamentos</i>	Não manter contato visual enquanto o parceiro fala de si mesmo ou de outros assuntos que não envolvam o cônjuge ou quando realizam alguma atividade juntos (ex. olhar para cima, para os lados, manipular objetos, bocejar, suspirar profundamente), interromper fala do parceiro mudando o tema da conversa (iniciar outro assunto enquanto o parceiro está falando).
4	<i>Calar-se</i>	Não responder verbalmente a críticas e ofensas do parceiro, feitas a ele ou a uma terceira pessoa. Calar-se após o parceiro manifestar opinião contrária à sua.
5	<i>Criticar o parceiro</i>	Dizer os comportamentos do parceiro que o desagradam, xingar, atribuir doença ou predicativos pejorativos diretamente a ele, ou a uma terceira pessoa, na presença do parceiro.
6	<i>Elogiar o parceiro</i>	Falar sobre comportamentos do parceiro que aprova, agrada, ou que admira. Relatar “qualidades” do parceiro.
7	<i>Falar sobre si próprio</i>	Relatar as próprias preferências, costumes, opiniões, rotina, habilidades ou dificuldades.
8	<i>Outros</i>	Prestar atenção ao que a terapeuta diz, seguir instruções da terapeuta.

Figura 9 – Categorias elaboradas pela experimentadora e suas descrições

Como descrito anteriormente, um procedimento semelhante foi realizado pela terapeuta avaliadora o que resultou em 13 temas iniciais, apresentados na Figura 10. Além desses 13 temas, dois outros foram identificados pela terapeuta avaliadora, porém sem exemplos. Por esse motivo essas duas categorias não aparecem na Figura 10.

Categoria	Título da Categoria	Exemplo		
		Antecedente	Comportamento	Conseqüência
1	Falta de distribuição contínua e segura do afeto	Constantes discussões e falta de conversa	Verbalizações que não demonstram afeto.	Esposa não acredita no amor do marido.
2	Resposta não contingentes ao comportamento e/ou não apropriadas	Conversar sobre o relacionamento	Marido verbaliza: Se eu fosse guardar tudo o que você falou, eu nem olharia mais na sua cara.	Esposa vira-se na direção oposta ao marido, desvia o olhar, demonstra não dar atenção.
3	Auto-regras disfuncionais / não estar sob controle das contingências atuais	Marido fala o que a esposa faz que o incomoda.	Esposa: Ele nunca vai mudar/ não dá atenção/ ignora	Marido passa mal.
4	Depende do humor para punir ou reforçar	Marido chega do trabalho	Preocupado, não queria conversar.	Briga/discussão com esposa
5	Abuso psicológico (ameaça, humilhação)	Esposa relata porque o marido não foi a um evento religioso.	Esposa faz chacota ou caçoa do problema do marido quanto tem de ir às pressas ao banheiro.	Marido permanece calado.
6	Ausência de atenção e afeto	Terapeuta pergunta como foi a semana	O casal não mantém contato visual entre si.	Indiferença, tédio, não há interação.
7	Uso adequado da atenção do parceiro (ouve, responde)	Esposa opina sobre o texto.	Marido ouve e expõe sua opinião.	Esposa escuta.
8	Falta de acompanhamento em atividades	Ir à Igreja.	Participam de atividades separadamente.	Não há interação.
9	Falta de empatia	Esposa não dá atenção, não se preocupa.	Marido verbaliza o que gostaria que ela fizesse.	Esposa sente-se diminuída.
10	Excesso de instruções independente de seu cumprimento	Problemas de relacionamento	Um reclama do comportamento do outro e pede mudanças	Continuidade dos problemas.
11	Terapeuta como fonte de reforço social	Conversar sobre como foi a semana	Vitimizar-se.	Atenção da terapeuta.
12	Uso inadequado da atenção do parceiro	Marido mantém contato visual.	Esposa desvia o olhar.	Esposa acha que ele não é normal.
13	Autoconhecimento e conhecimento do outro	Esposa diz: Ele gosta de ficar fazendo um monte de coisa.	Marido diz: Ela diz que eu gosto de fazer, mas não, eu gosto é de ajudar.	Esposa permanece com os braços cruzados.

Figura 10 – Temas ou categorias iniciais elaborados pela terapeuta avaliadora e seus respectivos exemplos.

Nesta etapa foi feita uma análise prévia das categorias elaboradas pela terapeuta avaliadora e constatou-se a dificuldade de comparar suas categorias com as da experimentadora, apesar da orientação da experimentadora. Possivelmente as instruções dadas para a terapeuta não foram suficientes para a categorização. Estudos futuros deveriam considerar a possibilidade de executar um treino anterior com o avaliador(a) para execução da categorização. As categorias criadas pela experimentadora correspondiam a diálogos entre o casal, literalmente retirados da transcrição dos vídeos, enquanto os exemplos da terapeuta avaliadora constituíam interpretações das interações do casal. Esta diferença dificultou a realização de uma análise comparativa. Por esse motivo, foi realizada uma reunião entre experimentadora e terapeuta avaliadora, a fim de sanar dúvidas de interpretação. Nessa reunião, inicialmente, foi realizada uma revisão das categorias elaboradas pela terapeuta avaliadora. A experimentadora leu em voz alta cada uma das categorias elaboradas pela terapeuta avaliadora e seus respectivos exemplos interpretativos. Em seguida, solicitou exemplos correspondentes a diálogos entre o casal, para garantir a compreensão da categoria.

Nessa fase, duas categorias foram excluídas: Falta de senso de justiça e Falta de posicionamento claro. A experimentadora solicitou que ela citasse algum exemplo dessas categorias. Quando questionada sobre a categoria “Falta de senso de justiça”, ela citou os mesmos exemplos da categoria “Depende do humor para punir ou reforçar”, e, por esse motivo, a terapeuta avaliadora decidiu pela exclusão da categoria. Com relação à categoria “Falta de posicionamento claro”, ela disse que não conseguia identificar exemplos e também decidiu por excluí-la.

A experimentadora questionou também os títulos das categorias, dirigindo a seguinte questão à terapeuta avaliadora: “Há outro título, que melhor descreva essa categoria?”. A experimentadora anotava o novo título e perguntava quais outros exemplos de diálogos do Casal 1 poderiam pertencer àquela categoria.

Nesse processo, foram agrupadas as categorias cujos exemplos citados pela terapeuta avaliadora eram semelhantes. Por exemplo, quando foi solicitada que citasse exemplos de diálogos do casal constantes nos vídeos, referentes ao tema “Falta de distribuição contínua e segura do afeto”, a terapeuta avaliadora indicou *Marido diz: Bem, eu te amo. “Será que ama mesmo?” É assim que você fala.* Como exemplo da categoria inicial “Auto-regras disfuncionais / não estar sob controle das contingências atuais”, a terapeuta avaliadora apontou a mesma interação. A experimentadora perguntou, então, se esses dois temas poderiam pertencer à mesma categoria. Como a resposta foi afirmativa, a experimentadora pediu à terapeuta avaliadora que desse um nome para a categoria. Dessa maneira, os dois

temas foram agrupados formando a categoria “Respostas inadequadas ao comportamento do parceiro”. Em seguida, cada transcrição foi lida por completo duas vezes para garantir uma compreensão geral das interações analisadas. Posteriormente, cada trecho da sessão foi analisado e separado de acordo com as semelhanças e diferenças que apresentava, sendo sua soma organizada em temas gerais. Este procedimento foi baseado no Método Comparativo Constante (TURMAN, 2003) que consiste em identificar temas emergentes comparando suas diferenças e similaridades aos temas gerais existentes; dessa maneira, sempre que um novo tema surge, uma nova categoria é criada. Do mesmo modo, foram agrupados os temas “Ausência de atenção e afeto”, “Falta de empatia” e “Uso inadequado da atenção do parceiro”, criando a categoria “Falta de atenção, empatia e afeto”.

Quando questionada a respeito do título da categoria “Depende do humor para punir ou reforçar”, a terapeuta avaliadora sugeriu alterar para “Agir sob controle de contingências passadas”. Outras categorias com títulos alterados pela terapeuta avaliadora foram: “Terapeuta como reforço social”, “Excesso de instruções independente de seu cumprimento”, “Uso adequado da atenção do parceiro (ouve, responde)” e “Respostas não contingentes ao comportamento e/ou não-apropriadas”. Os títulos destas categorias mudaram respectivamente para “Aderir à proposta da terapeuta”, “Reclamar do comportamento do parceiro”, “Responder adequadamente ao parceiro (ouvir atentamente, continuar o assunto, compreender, cooperar)” e “Respostas inadequadas ao comportamento do parceiro”.

Este processo de discussão entre experimentadora e terapeuta avaliadora resultou nas 9 categorias apresentadas na Figura 11.

Categorias	Nome da Categoria	Exemplos
1	Falta de atenção, empatia e afeto	Esposa diz: Eu gosto muito de participar da igreja. Marido olha para cima, para o lado oposto, manipula o guarda-chuva.
2	Responder adequadamente ao parceiro (ouvir atentamente, continuar o mesmo assunto, compreender, cooperar)	Marido diz: Tenho muita dificuldade pra dormir. Esposa vira o rosto na direção do marido e olha pra ele enquanto ele fala.
3	Respostas não contingentes / inapropriadas ao comportamento do parceiro	Marido verbaliza: Se eu fosse guardar tudo o que você fala, eu nem olharia mais na sua cara. Esposa vira o rosto na direção oposta, cruza os braços e ajeita-se na cadeira.
4	Agir sob controle de contingências passadas	Esposa diz: Quando eu falei isso aí pra você é que eu já tinha escutado muita abobrinha da sua boca.
5	Autoconhecimento e conhecimento do outro	Marido diz: Ela fala que eu gosto de fazer um monte de coisa, mas eu gosto mesmo é de ajudar.
6	Abuso psicológico (ameaçar, humilhar)	Esposa diz: Ele não foi ao encontro porque tem problema pra ir no banheiro, tem que sair correndo e subir as escadas (gesticula com as mãos e ri).
7	Falta de acompanhamento em atividades	Esposa diz: Eu participo do grupo de oração e ele do grupo de canto. Os encontros são em dias diferentes.
8	Reclamar do comportamento do parceiro	Esposa diz: Em vez de você chegar e me dar um abraço, você fazia aquela cara e cortava tudo.
9	Aderir à proposta da terapeuta	Terapeuta explica a atividades. Marido pega a folha e começa a ler.

Figura 11 – Categorias elaboradas a partir dos temas identificados pela terapeuta avaliadora

Somente depois de concluída a elaboração das categorias da terapeuta avaliadora, a experimentadora revelou sua lista de categorias, mostrando os títulos e as descrições das categorias. A experimentadora leu as categorias uma a uma e sua descrição, dirigindo à terapeuta avaliadora a seguinte pergunta: “Há alguma categoria da sua lista que se relacione com esta, aqui? De que maneira? Cite exemplos de interações do Casal 1.” A experimentadora anotou todas as categorias com as quais a terapeuta avaliadora declarou

haver relação. A Figura 12 mostra a relação entre as categorias elaboradas pela experimentadora e pela terapeuta avaliadora.

Categorias elaboradas pela experimentadora		Categorias elaboradas pela Terapeuta Avaliadora	
<i>Nome da categoria</i>	<i>Exemplo</i>	<i>Nome da categoria</i>	<i>Exemplo</i>
Discordar do parceiro	Esposa diz: Em vez de chegar e me dar um abraço, você já fazia aquela cara e cortava tudo, né... Marido diz: Era completamente diferente.	Reclamar do comportamento do parceiro	Pedir mudanças para o parceiro, instrução independente da resposta – só fala e não ouve o parceiro.
Concordar com o parceiro	Esposa diz para a terapeuta, apontando para o marido: Ele gosta de cozinhar. Marido diz: É, cozinhar eu realmente gosto.	Responder adequadamente ao parceiro	Ouvir, prestar atenção à fala do parceiro, interação positiva/reforçadora, uso adequado da atenção, responder de maneira empática).
Engajar-se em outros comportamentos	Durante uma atividade em que o casal deveria ler um texto e discutir sobre o mesmo, com o texto nas mãos, o marido olha para a esposa, aproxima dela o papel, e permanece lendo o texto com o papel voltado na direção dela. A esposa olha na direção oposta, abaixa-se (lado oposto ao do marido), pega sua bolsa do chão e a coloca em cima da mesa.	Falta de atenção, empatia e afeto	Indiferença, não responder positiva ou negativamente ao parceiro, interromper interação. Uso inadequado da atenção – demonstrar ao parceiro que não se importa com o parceiro ou com o que o parceiro diz.
Calar-se	Esposa diz: Teve uma vez que ele viajou lá pra casa da irmã dele, nossa, você precisa ver... eu passava tão bem! Marido movimenta os lábios para a direita e permanece de cabeça baixa.	Abuso psicológico	Humilhar o parceiro, convencer terapeuta de que está com a razão.
		Respostas inadequadas ao comportamento do parceiro	Depende do humor para conseqüenciar. Punição ou reforço não contingente ao comportamento do parceiro. “Ficar emburrado”.
Criticar o parceiro	Esposa diz: Você não consegue sair de casa e voltar sem comprar nada.	Abuso psicológico	Humilhar o parceiro, convencer terapeuta de que está com a razão.

	Isso aí que você tem é um vício de comprar.	Agir sob controle de contingências passadas	Responder a eventos passados, relembrar fatos antigos justificando o próprio comportamento.
Elogiar ou demonstrar afeto pelo parceiro	Exemplo: Esposa diz: Eu não tenho dom para cozinhar, ele tem.		
Falar sobre si mesmo ou sobre a rotina	Esposa diz: Eu participo mesmo da igreja. É o único lugar onde eu me sinto bem.	Autoconhecimento e conhecimento do outro	Conhecer a si mesmo e ao parceiro, preferências, costumes, etc.
		Falta de acompanhamento em atividades	Não realizar atividades em casa, não compartilhar (fazer tudo individualmente).
Outros (interação com terapeuta, falar sobre material usado na sessão).	Esposa diz: É pra ler aqui?	Aderir a propostas da terapeuta	Interação com terapeuta – Aderir, aceitar propostas da terapia. Buscar respostas empáticas e atenção do terapeuta. Buscar aprovação e afeto da terapeuta. Sensibilizar terapeuta.

Figura 12 – Relação entre as categorias elaboradas pela experimentadora e pela terapeuta avaliadora

Terminada a reunião com a terapeuta avaliadora, a experimentadora realizou nova análise, comparando as categorias relacionadas e definindo uma lista única. Realizada a comparação entre as duas listas, permaneceram as 8 (oito) categorias propostas pela experimentadora, contudo a descrição da Categoria 8 foi complementada. A descrição inicial da “Categoria 8 – Outros comportamentos” era: “Prestar atenção ao que a terapeuta diz, seguir instruções da terapeuta” e, conforme discussão com a terapeuta, foi alterada para “Interagir diretamente com a terapeuta, executar atividade proposta pela terapeuta, falar sobre a terapia e solicitar *feedback*”.

Quanto ao rótulo das categorias, permaneceram aqueles escolhidos pela experimentadora, os quais, na opinião da mesma, lembravam mais pronta e objetivamente as descrições de cada uma delas. A Figura 13 mostra a lista única de categorias e suas respectivas descrições.

Categorias	Título da Categoria	Descrição das categorias
1	<i>Discordar do parceiro</i>	Apresentar opiniões divergentes sobre um tema que está sendo discutido, argumentar contra a fala do parceiro com palavras ou gestos (ex. balançar a cabeça negativamente, negar o que está sendo dito pelo parceiro, desmentir o parceiro etc).
2	<i>Concordar com o parceiro</i>	Concordar com as opiniões do parceiro, corroborar afirmações feitas pelo parceiro com palavras ou gestos (ex. balançar a cabeça afirmativamente, sorrir em sinal de aprovação etc).
3	<i>Engajar-se em outros comportamentos</i>	Não manter contato visual enquanto o parceiro fala de si mesmo ou de outros assuntos que não envolvam o cônjuge ou quando realizam alguma atividade juntos (ex. olhar para cima, para os lados, manipular objetos, bocejar, suspirar profundamente), interromper fala do parceiro mudando o tema da conversa (iniciar outro assunto enquanto o parceiro está falando).
4	<i>Calar-se</i>	Não responder verbalmente a críticas e ofensas do parceiro, feitas a ele ou a uma terceira pessoa. Calar-se após o parceiro manifestar opinião contrária à sua.
5	<i>Criticar o parceiro</i>	Dizer os comportamentos do parceiro que o desagradam, xingar, atribuir doença ou predicativos pejorativos diretamente a ele, ou a uma terceira pessoa, na presença do parceiro.
6	<i>Elogiar o parceiro</i>	Falar sobre comportamentos do parceiro que aprova, agrada, ou que admira. Relatar “qualidades” do parceiro.
7	<i>Falar sobre si próprio</i>	Relatar as próprias preferências, costumes, opiniões, rotina, habilidades ou dificuldades.
8	<i>Outros</i>	<u>Interagir diretamente com a terapeuta, executar atividade proposta pela terapeuta, falar sobre a terapia e solicitar <i>feedback</i>.</u>

Figura 13 – Lista das categorias elaboradas

Definidas as categorias, elas foram testadas quanto à sua facilidade de compreensão, sendo avaliadas por 4 alunas do curso de Psicologia da UEL, que cursavam o 2º, 4º e 5º ano. As alunas assistiram aos vídeos das Sessões 1 e 2 dos Casais 1 e 2. Nesta Etapa, além de avaliar as interações do Casal 1, as alunas avaliaram também as interações do Casal 2.

REFINAMENTO DAS CATEGORIAS

A Tabela 1 aponta os resultados do cálculo de concordância entre os registros das 4 alunas que avaliaram as interações dos Casais 1 e 2 para as categorias *Discordar do parceiro*; *Concordar com o parceiro*; *Engajar-se em outros comportamentos*; *Calar-se*; *Criticar o parceiro*; *Elogiar o parceiro*; *Falar sobre si próprio* e *Outros comportamentos*. Estes dados foram calculados considerando-se os resultados após discussão das dúvidas pelas alunas. Depois da exibição de cada trecho de filmagem, as dúvidas eram discutidas entre as avaliadoras. Nessa discussão, as avaliadoras poderiam alterar seus registros. Para o cálculo de concordância foram considerados os registros das avaliadoras após a discussão das dúvidas, ou seja, foram contabilizados os registros com as alterações.

Tabela 1 – Frequência de registro e Cálculo de concordância para as categorias *Discordar do parceiro*, *Concordar com o parceiro*, *Engajar-se em outros comportamentos*, *Calar-se*, *Criticar o parceiro*, *Elogiar o parceiro*, *Falar sobre si próprio* e *Outros comportamentos*, feitos pelas avaliadoras 1 (aluna do 4º ano de Psicologia da UEL), 2, 3 (alunas do 5º ano), e 4 (aluna do 2º ano).

Categorias	Av. 1	Av. 2	Av. 3	Av. 4	Frequência Média	Índice de Concordância
<i>Discordar do parceiro</i>	28	27	31	33	29,75	83,87%
<i>Concordar com o parceiro</i>	43	43	46	49	45,25	82,69%
<i>Engajar-se em outros comportamentos</i>	39	38	40	40	39,25	80,00%
<i>Calar-se</i>	8	9	8	8	8,25	90,91%
<i>Criticar o parceiro</i>	56	52	51	54	53,25	80,65%
<i>Elogiar o parceiro</i>	14	13	15	13	13,75	81,25%
<i>Falar sobre si próprio</i>	123	117	125	123	122,00	87,41%
<i>Outros comportamentos</i>	68	68	68	68	68,00	-

A Tabela 1 indica que a categoria que obteve maior índice de concordância foi *Calar-se* (90,91%), seguida pela categoria *Falar sobre si próprio*, com 87,41% de concordância. O índice de concordância para as demais categorias ficou em torno de 80%,

oscilando entre 80,00% para *Engajar-se em outros Comportamentos* – categoria com menor índice - e 83,87% para *Discordar do parceiro*.

Uma hipótese para o menor índice de concordância da categoria *Engajar-se em outros comportamentos* é a dificuldade de registro desses comportamentos, por exemplo, permanecer olhando pra frente enquanto o outro membro do casal fala. Por sugestão das avaliadoras, para que se registrasse a ocorrência desta categoria, foi necessário que, enquanto um dos membros do casal estivesse falando ou executando uma atividade proposta pela terapeuta, o outro permanecesse 3 segundos, pelo menos, sem que houvesse contato visual entre eles. Apesar de estabelecerem esse critério, as avaliadoras não dispunham de cronômetro durante os registros, o que pode ter dificultado sua análise. Embora “Engajar-se em outros Comportamentos” tenha sido a categoria com menor índice de concordância, nesta categoria houve, em média, apenas 1,5 dúvida por avaliadora. A baixa frequência de dúvidas indica que a categoria e seus exemplos foram pouco discutidos entre as alunas. Esse dado talvez indique que a baixa exposição de dúvidas não tenha sido um indicativo de que a categoria esteja bem definida quanto à sua clareza e objetividade. Contudo, é importante destacar que o índice de concordância observado nesta categoria adequa-se ao que tem sido aceito pela literatura da área. O método utilizado, o cálculo de concordância ponto a ponto, avalia se há acordo em cada instância do comportamento observado. De acordo com Kazdin (1982), este método mostra-se mais preciso quando comparado ao cálculo de frequência. Considerando-se acordo apenas os intervalos em que existiram registros, evitam-se distorções nos resultados, pois, do contrário, os minutos com ausência de registros seriam computados como acordos, já que, neles, todos os observadores concordaram com a não-ocorrência do comportamento.

As categorias “Crítico do parceiro” e “Elogiar o parceiro” geraram maior número de dúvidas e discussões quanto à definição de crítica e elogio. Ambas as categorias possuem critérios de definição topográficos e, por isso, podem gerar este tipo de discussão. Uma definição topográfica de classe de respostas descreve movimentos ou atributos físicos do comportamento. Por outro lado, a definição funcional possibilita a classificação de comportamentos topograficamente bastante distintos numa mesma classe, diminuindo a probabilidade de que comportamentos que exercem a mesma função no ambiente passem despercebidos dentro de uma análise funcional. Ambos os tipos de categorias são importantes para o estudo do comportamento, como sugerem Danna e Matos (1989); as categorias topográficas são indicadas quando o objetivo é de treinamento e as categorias funcionais são as mais indicadas quando o objetivo do estudo é a avaliação do comportamento.

Por exemplo, uma interação que gerou este tipo de discussão ocorreu no final da Sessão 2 do Casal 2. A avaliadora 2 levantou uma dúvida e, seguindo o procedimento habitual, a fita foi rebobinada e o minuto em questão foi exibido novamente. O casal estava realizando a atividade proposta pela terapeuta – ler e discutir um texto. A esposa começa a bater os dedos no papel, fazendo barulho. Nesse momento, o marido diz: “Pára, vai atrapalhar a gravação”. Em seguida ela olha para ele, pára de bater os dedos e ele pega o papel da mão dela. As dúvidas levantadas foram:

1. O que ocorreu foi uma crítica ou uma instrução do marido à esposa?
2. Uma instrução pode ser considerada uma crítica?
3. Quando uma instrução pode ser considerada como uma crítica?
4. Se não é uma crítica, em qual outra categoria poderia ser registrado este comportamento?

Na discussão da primeira dúvida, a princípio, as avaliadoras pareciam concordar que aquela interação era uma instrução, por ser uma frase imperativa. No entanto, a avaliadora 1, que a princípio havia registrado a interação como pertencente à categoria *Criticar o parceiro*, levantou a segunda dúvida, a saber, se uma instrução poderia ou não ser considerada uma crítica, e citou como exemplo a frase imperativa: *Cala a boca*. A avaliadora 4 continuou discordando, afirmando que a interação não poderia ser incluída na categoria “Criticar o parceiro” por se tratar de um pedido ou ordem. Nesse momento, a experimentadora retomou a descrição da categoria “Criticar o parceiro”, pedindo que uma delas lesse a descrição: *Dizer diretamente ao parceiro, ou a uma terceira pessoa (na presença do parceiro) os comportamentos deste que o desagradam. Xingar, atribuir doença ou predicativos pejorativos, diretamente a ele, ou a uma terceira pessoa, na presença do parceiro*. As avaliadoras 1 e 2 concordaram que, na interação discutida, o marido estava dirigindo-se diretamente à parceira apontando um comportamento dela que o desagradou, e registraram essa ocorrência como pertencente à categoria “Criticar o parceiro”. A avaliadora 3, que a princípio opinava que não se tratava de uma crítica e sim de uma instrução, colocou em discussão se haveria critérios para considerar um pedido ou ordem como crítica (dúvida 3). Ela defendeu sua opinião dizendo que o tom de voz pudesse ser, talvez, de acusação. As demais avaliadoras consideraram o critério demasiado subjetivo. A avaliadora 3 sugeriu, então, que a descrição fosse complementada, adicionando-se à sua descrição: *Relatar dificuldades do parceiro, descrever características do parceiro como defeitos, descrever comportamentos do parceiro que desaprova e fazer acusações*. A mesma avaliadora levantou então a dúvida 4: Se não é uma crítica, em qual outra categoria poderia ser registrado esse

comportamento?. A lista com a descrição de todas as categorias foi revista integralmente, com ajuda da experimentadora. A própria avaliadora 3 sugeriu que, se a descrição da categoria *Calar-se* fosse complementada, esta interação poderia pertencer àquela categoria, e sugeriu que fosse adicionada à descrição da categoria *Calar-se*: Permanecer em silêncio após perguntas, solicitações ou ordens. As avaliadoras não fizeram mais comentários e as avaliadoras 3 e 4 não registraram esta ocorrência como pertencentes à categoria *Criticar o parceiro*.

Nessa discussão, pode-se notar que as dúvidas giraram em torno do conceito de crítica. Critérios de definição exclusivamente topográficos levam a este tipo de dúvida por não considerar as condições em que o comportamento ocorre nem suas conseqüências. No entanto, como o objetivo deste estudo foi facilitar a observação de interações de casais em conflito e os comportamentos desta categoria são bastante típicos de casais em conflito, decidiu-se por manter este tipo de agrupamento.

Do mesmo modo, a categoria *Elogiar o parceiro*, que também possui critérios de definição topográficos, mais uma vez gerou discussão acerca do conceito de elogiar. Uma interação discutida desta categoria foi a que ocorreu na Parte Conjunta da Sessão 1 do Casal 2. O marido atribuiu à esposa adjetivos como feminina, delicada e frágil. A avaliadora 3 levantou dúvida em relação a essa interação. A dúvida consistia em serem ou não elogios os adjetivos. A avaliadora 4 opinou dizendo que se tratava de predicativos pejorativos. As avaliadoras 1 e 2, que haviam registrado a interação referida na categoria *Elogiar o parceiro*, discordaram. A avaliadora 2 argumentou que, no próprio contexto da interação, a seguir, o marido dizia que ele teria que mudar o jeito “bruto” de falar, e que portanto, os adjetivos referiam-se a elogios, sim. A avaliadora 3 concordou com o argumento e registrou a interação como pertencente à categoria *Elogiar o parceiro*. A avaliadora 4 discordou e registrou esta interação como ocorrência da categoria *Criticar o parceiro*. Novamente, por não haver critérios funcionais, por não se considerarem os antecedentes e conseqüentes ao comportamento, a categoria *Elogiar o parceiro* gerou discussões com relação ao conceito de elogiar. No entanto, de acordo com a importância clínica desta categoria, por se tratar de comportamentos que se espera que aumentem em frequência em casais em conflito, optou-se por manter esta categoria, mesmo com critérios exclusivamente topográficos.

Outras dúvidas ocorreram e, para avaliar a simplicidade e clareza da descrição das categorias foi calculada a quantidade de dúvidas que cada avaliadora apresentou em cada categoria, com exceção da categoria *Outros comportamentos*. O procedimento em relação às dúvidas, por sugestão das avaliadoras, foi diferente das demais categorias. A cada

registro a exibição do vídeo era interrompida para discussão. Nessa discussão foi solicitado às avaliadoras que sugerissem mais dados para complementar a descrição desta categoria, incluindo-se comportamentos não registrados em nenhuma outra categoria, o que resultou em alterações na descrição inicial das categorias. A Tabela 2 aponta a frequência de dúvidas que as avaliadoras tiveram nas categorias *Discordar do parceiro*, *Concordar com o parceiro*, *Engajar-se em outros comportamentos*, *Calar-se*, *Criticar o parceiro*, *Elogiar o parceiro* e *Falar sobre si próprio*.

Tabela 2 – Frequência de dúvidas nas categorias *Discordar do parceiro*, *Concordar com o parceiro*, *Engajar-se em outros comportamentos*, *Calar-se*, *Criticar o parceiro*, *Elogiar o parceiro* e *Falar sobre si próprio*.

Categorias	Av. 1	Av. 2	Av. 3	Av. 4	Total de Dúvidas	Média
<i>Discordar do parceiro</i>	1	2	6	6	15	3,75
<i>Concordar com o parceiro</i>			5	8	13	3,25
<i>Engajar-se em outros comportamentos</i>		1	5		6	1,5
<i>Calar-se</i>		1		1	2	0,5
<i>Criticar o parceiro</i>	1	4		8	13	3,25
<i>Elogiar o parceiro</i>		3	5	1	9	2,25
<i>Falar sobre si próprio</i>			3		3	0,75
Dúvidas por Avaliadora	2	11	24	24	61	15,25

A categoria *Discordar do Parceiro* foi a que apresentou maior frequência de dúvidas. Uma hipótese é que esta categoria, assim como *Concordar com o Parceiro*, *Engajar-se em outros comportamentos* e *Calar-se* são mais complexas quanto a sua avaliação, pois dependem do comportamento do parceiro para que seja registrada a ocorrência daquela categoria (ex., na categoria *Concordar com o parceiro*, é necessário que haja a exposição de uma opinião de um dos cônjuges antecedendo o comportamento de concordar, como o que ocorre na interação: *Esposa diz: Ele gosta de cozinhar. Marido diz: É, cozinhar eu realmente gosto.*). Outro fator que pode ter contribuído para a alta frequência de dúvidas é ter sido a primeira categoria avaliada. Na avaliação das demais categorias, as avaliadoras já tinham a

experiência de registro das anteriores, o que pode ter resultado em uma maior quantidade de dúvidas, principalmente em relação à execução da tarefa. Nesse caso, uma revisão mais detalhada das dúvidas poderia esclarecer esta questão. No entanto, como exposto anteriormente, as dúvidas das avaliadoras não foram registradas sistematicamente, o que dificulta esta análise.

As categorias que menos geraram dúvidas foram *Falar sobre si próprio*, com 3 dúvidas, e *Calar-se*, com apenas 2 dúvidas. Conquanto a avaliação da categoria *Calar-se* também dependa do comportamento do parceiro para que seja registrada sua ocorrência, a avaliação dessa categoria apresentou poucas dúvidas. Um fator que pode ter contribuído para a reduzida média de dúvidas nesta categoria é a baixa frequência de registros para ela, ou seja, é um comportamento que apareceu pouco nas interações desses dois casais. Pelo fato de ter poucas ocorrências, as avaliadoras também tiveram poucas oportunidades de apresentarem dúvidas.

A categoria *Falar sobre si próprio* também apresentou baixa ocorrência de dúvidas (apenas 3, ao todo). Esta categoria teve frequência média de 122 registros, ou seja, as alunas tiveram oportunidade para registrar a ocorrência desta categoria várias vezes e para discutir as dúvidas. As alunas relataram não terem tido dificuldade em observar e registrar esta categoria. Corroborando essas afirmações, o índice de concordância foi alto, no valor de 87,41%.

A Tabela 3 mostra o índice de concordância, a frequência média de dúvidas e a frequência média para as 8 categorias.

Tabela 3 – Comparação entre o índice de concordância, a média de dúvidas e a frequência média para as categorias Discordar do parceiro, Concordar com o parceiro, Engajar-se em outros comportamentos, Calar-se, Criticar o parceiro, Elogiar o parceiro, Falar sobre si próprio e Outros comportamentos.

Categorias	Índice de Concordância	Frequência média de dúvidas	Frequência média de ocorrências
<i>Discordar do parceiro</i>	83,87%	3,75	29,75
<i>Concordar com o parceiro</i>	82,69%	3,25	45,25
<i>Engajar-se em outros comportamentos</i>	80,00%	1,5	39,25
<i>Calar-se</i>	90,91%	0,5	8,25
<i>Criticar o parceiro</i>	80,65%	3,25	53,25
<i>Elogiar o parceiro</i>	81,25%	2,25	13,75
<i>Falar sobre si próprio</i>	87,41%	0,75	122,00
<i>Outros comportamentos</i>	-	-	68,00

Outro fator que pode ter influenciado no registro das categorias é a experiência das avaliadoras com este tipo de atividade. A avaliadora 3 é a que possuía maior experiência em observar e registrar categorias comportamentais, em relação às demais avaliadoras, tendo cerca de 3 anos de experiência com participações em projetos de pesquisa que envolviam observação e registro de categorias. Em contrapartida, a avaliadora 4 é a que possuía menor experiência, não tendo participado de qualquer estudo que envolvesse observação e registro de categorias. Pela Tabela 2 pode-se perceber que as avaliadoras 3 e 4 tiveram mais dúvidas que as avaliadora 1 e 2, ou seja, a avaliadora com maior experiência e aquela com menor experiência foram as que expuseram mais dúvidas. Possivelmente a avaliadora com maior experiência pode ter tido mais dúvidas por conhecer mais profundamente o assunto e estar mais atenta a aspectos que poderiam dificultar a avaliação. Por outro lado, a avaliadora sem experiência pode ter tido mais dúvidas justamente por não ter conhecimento prévio sobre a realização da tarefa proposta. Uma análise mais detalhada das dúvidas apresentadas por cada uma das avaliadoras poderia dar pistas sobre a direção a ser seguida em relação à clareza e objetividade da definição das categorias. No entanto, a

discussão das dúvidas não foi filmada e não houve registro sistemático das discussões, o que inviabiliza essa análise.

Finalmente, um tipo de dúvida bastante freqüente foi quanto ao início e fim de cada comportamento. Por consenso, as avaliadoras decidiram registrar a ocorrência de um comportamento até que um comportamento de outra categoria ocorresse, pois a avaliação analisava a interação do casal. Por exemplo, durante a avaliação da categoria *Discordar do parceiro*, seu fim somente seria detectado quando da ocorrência de outra categoria. Do contrário, continuaria ocorrendo a mesma interação de *Discordar do parceiro*, mesmo que a esposa ou o marido se revezem nas falas.

Ao final desta etapa, nova análise das categorias foi feita e as sugestões das avaliadoras foram analisadas para melhorar a descrição das categorias. Esta análise possibilitou um aprimoramento das descrições, ocasionando em algumas mudanças em relação à Figura 13, apresentada na página 72. Tais mudanças aparecem grifadas na Figura 14. Com o objetivo de facilitar o registro das categorias, foram delimitados também os critérios de início e fim de uma unidade de comportamento para cada categoria. A Figura 14 apresenta a lista das categorias finais elaboradas, com suas descrições aperfeiçoadas e os respectivos critérios de delimitação, além do tipo de classificação de cada categoria – funcional, topográfico ou misto.

Nome da Categoria	Descrição	Critérios de delimitação	Classificação
<i>Discordar do parceiro</i>	Apresentar opiniões divergentes sobre um tema que está sendo discutido <u>sem que ao final cheguem a um acordo.</u> Argumentar contra a fala do parceiro com palavras ou gestos (ex, balançar a cabeça negativamente <u>desaprovando o que está sendo dito pelo parceiro,</u> negar o que está sendo dito pelo parceiro, desmentir o parceiro etc).	Inicia com verbalização, ou gesto logo após opinião do parceiro; termina com fim da verbalização ou gesto, ou após 10 segundos de interrupção do gesto ou fala.	Categoria funcional ¹⁶
<i>Concordar com o parceiro</i>	Concordar com as opiniões do parceiro, corroborar afirmações feitas pelo parceiro com palavras ou gestos (ex. balançar a cabeça afirmativamente, sorrir em sinal de aprovação etc).	Inicia com verbalização, ou gesto logo após opinião do parceiro; termina com fim da verbalização ou gesto, ou após 10 segundos de interrupção do gesto ou fala.	Categoria funcional
<i>Engajar-se em outros comportamentos</i>	<u>Olhar em direções opostas à do parceiro</u> enquanto ele fala de si mesmo ou de outros assuntos que não envolvam o cônjuge ou quando realizam alguma atividade juntos (ex. olhar para cima, para os lados, manipular objetos, bocejar, suspirar profundamente), interromper fala do parceiro mudando o tema da conversa (iniciar outro assunto enquanto o parceiro está falando).	Inicia com a permanência de 3 segundos ou mais sem contato visual; termina quando o parceiro olha ou interage.	Categoria funcional
<i>Calar-se</i>	<u>Calar-se</u> diante de críticas e ofensas do parceiro, feitas <u>diretamente</u> a ele ou a uma terceira pessoa, em sua presença. Calar-se após o parceiro manifestar opinião contrária à sua. <u>Permanecer em silêncio após perguntas, solicitações ou ordens.</u>	Inicia com a duração de 3 segundos ou mais sem qualquer fala ou reação à crítica; termina quando o parceiro olha ou interage.	Categoria funcional
<i>Falar sobre si próprio</i>	Relatar as próprias preferências, costumes, opiniões, rotina,	Inicia com verbalização ou gesto; termina com o fim	Categoria mista ¹⁷

¹⁶ Foi considerada funcional a categoria que necessita de análise do comportamento do parceiro no contexto da interação.

	habilidades ou dificuldades, enquanto o (a) parceiro (a) olha na sua direção sem manifestar-se verbalmente ou por meio de gestos ou expressões.	da fala ou gesto ou com interrupção de 10 segundos ou mais.	
<i>Criticar ou reclamar do parceiro</i>	Dizer diretamente ao parceiro, ou a uma terceira pessoa (na presença do parceiro) os comportamentos deste que <u>desaprova</u> ou que o desagradam, <u>relatar dificuldades do parceiro</u> , <u>descrever características do parceiro como defeitos</u> , xingar, atribuir doença ou predicativos pejorativos e <u>fazer acusações</u> .	Inicia com a verbalização; termina com o fim da verbalização ou com interrupção de duração mínima de 10 segundos.	Categoria Topográfica ¹⁸
<i>Elogiar o parceiro</i>	Falar sobre comportamentos do parceiro que aprova, ou que o agrada, ou que admira. Relatar “qualidades” do parceiro.	Inicia com verbalização; termina com fim da fala ou gesto ou com interrupção de 10 segundos ou mais.	Categoria Topográfica
<i>Outros comportamentos</i>	Interagir diretamente com a terapeuta, executar atividade proposta pela terapeuta, falar sobre a terapia, solicitar <i>feedback</i> .	Inicia com verbalização ou gesto; termina com fim da fala ou gesto ou com interrupção de 10 segundos ou mais.	Categoria Topográfica

Figura 14 – Lista das categorias finais

Como apresentado na Figura 14, foram acrescentadas à descrição da categoria *Discordar do parceiro* as palavras “sem que ao final cheguem a um acordo” para complementar a frase “Apresentar opiniões divergentes sobre um tema que está sendo discutido”. Esta alteração resulta em uma condição a mais para que seja registrada a ocorrência deste comportamento, o que torna a categoria um pouco mais restrita, já que exclui as argumentações que, apesar de aparentemente divergentes, levam a um acordo entre o casal ao final da discussão. Além disso, em um dos exemplos desta categoria – balançar a cabeça negativamente – foi acrescentada a frase “desaprovando o que está sendo dito pelo parceiro”, com o objetivo de esclarecer o termo “negativamente”.

Outra mudança ocorreu na descrição da categoria *Engajar-se em outros comportamentos*. As palavras “Não manter contato visual” foram substituídas por “Olhar em direções opostas à do parceiro”, transformando uma sentença negativa em afirmativa, com o

¹⁷ Foi considerada mista a categoria que necessita de análise do comportamento do parceiro no contexto da interação, além da forma do comportamento de um dos parceiros.

¹⁸ Foi considerada topográfica a categoria cuja análise é feita a partir da forma do comportamento de um dos parceiros, independentemente do comportamento do parceiro.

objetivo de melhorar a descrição a fim de se poder registrar uma ação. Obviamente, não é possível registrar o “não fazer algo”. Por esse mesmo motivo, a descrição da categoria *Calar-se* também sofreu alteração, sendo os termos “Não responder verbalmente” substituídos por “Calar-se”. Além disso, foi acrescentada a palavra “diretamente” para melhorar a redação da frase. Ainda na descrição desta categoria foi acrescentada a sentença “Permanecer em silêncio após perguntas, solicitações ou ordens”, de acordo com a discussão das dúvidas desta categoria ocorrida entre as alunas avaliadoras, com o objetivo de complementar a descrição da categoria.

À descrição da categoria *Falar sobre si próprio* foram adicionadas as condições para ocorrência deste comportamento, pois, da maneira como estava descrita anteriormente, sem estas condições, seria uma classe exclusivamente topográfica. No entanto, na utilização prática desta categoria durante a avaliação das avaliadoras, percebeu-se que não bastava a pessoa falar sobre si para que fosse registrada sua ocorrência. Uma ocorrência só seria registrada se, além de falar sobre si próprio, o cônjuge deveria olhar em sua direção e permanecer quieto. Tendo sido adicionada esta condição, a descrição ficou da seguinte maneira: “Relatar as próprias preferências, costumes, opiniões, rotina, habilidades ou dificuldades, enquanto o (a) parceiro (a) olha na sua direção sem manifestar-se verbalmente ou por meio de gestos ou expressões”.

A categoria *Criticar o parceiro* também sofreu alterações. No intuito de torná-la mais completa, foram acrescentadas à sua descrição as seguintes orações: “relatar dificuldades do parceiro” e “descrever características do parceiro como defeitos”. Com essa alteração, houve necessidade de a categoria ter o seu título também alterado para *Criticar ou reclamar do parceiro* no intuito de evocar mais prontamente esses comportamentos. Por se tratar de uma categoria topográfica, houve preocupação em deixar a descrição mais completa. Por esse motivo, foram acrescentadas também as expressões “fazer acusações” e “relatar comportamentos (do parceiro) que desaprova”. Além disso, com o intuito de melhorar a redação da frase, sua ordem foi alterada para “Dizer diretamente ao parceiro, ou a uma terceira pessoa (na presença do parceiro)...”.

Um problema apresentado pelas categorias “Criticar ou reclamar do parceiro” e “Elogiar o parceiro” é que, por serem topográficas, elas não são excludentes em relação às demais categorias. Por exemplo, uma interação na qual um dos cônjuges xinga o outro e este responde discordando do parceiro poderia ser incluída tanto na categoria topográfica *Criticar ou reclamar do parceiro*, como na categoria funcional *Discordar do parceiro*. Para ilustrar, considere-se a seguinte interação: Esposa diz: “Você é um folgado!”.

Marido diz: “Não, eu não sou. Quem é que trabalha a semana toda pra sustentar a casa, hein?”. Esta interação seria incluída na categoria *Criticar o reclamar do parceiro* pelo ato de xingar o parceiro, quando a esposa atribui o adjetivo “folgado” ao marido. Seria também registrada na categoria *Discordar do parceiro*, por apresentar uma opinião divergente da da parceira, quando o marido diz “não, eu não sou”.

Dessa maneira, as categorias *Criticar ou reclamar do parceiro* e *Elogiar o parceiro* não são excludentes como sugerem Danna e Matos (1989). No entanto, elas foram mantidas pela suposta relevância clínica destas categorias - o interesse do terapeuta comportamental em desenvolver ou fortalecer, no repertório dos cônjuges, os comportamentos da categoria *Elogiar o parceiro* e enfraquecer ou tornar assertivos os da categoria *Criticar ou reclamar do parceiro*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Consultando-se a literatura verificou-se que é comum o emprego de instrumentos que utilizam relato verbal escrito para avaliar o relacionamento entre o par. No entanto, estes instrumentos constituem medidas indiretas do comportamento e considerando-se que o comportamento de relatar, por definição, não é o mesmo que o comportamento relatado (JOHNSTON; PENNYPACKER, 1989) analistas do comportamento preferem trabalhar com medidas diretas do comportamento. Nesse sentido, considera-se relevante que estudos em Análise do Comportamento envidem esforços a fim de identificar classes de resposta de conflito viabilizando o trabalho de observação direta e avaliação desses comportamentos em contexto clínico.

A proposição de categorias para avaliar o conflito conjugal poderia auxiliar analistas do comportamento na observação e avaliação do relacionamento entre casais, principalmente no contexto clínico, contribuindo para o diagnóstico, implementação de procedimentos específicos e avaliação dos procedimentos propostos. Este estudo teve por objetivo a criação de categorias que podem ser usadas para auxiliar no trabalho de observação direta das interações de conflito entre casais, no contexto clínico. A necessidade da criação desse instrumento surgiu em um estudo anterior ao relatado aqui, cujo objetivo era a elaboração de um procedimento de intervenção específico para interações de conflito conjugal. Naquele estudo constatou-se a dificuldade de avaliar tais interações por meio da observação direta do comportamento. Deparando-se com esta dificuldade, neste estudo, foram elaboradas oito categorias comportamentais referentes ao conflito entre casais no contexto clínico. São elas: *Discordar ou reclamar do parceiro; Concordar com o parceiro; Engajar-se em outros comportamentos; Calar-se; Falar sobre si próprio; Criticar o parceiro; Elogiar o parceiro e Outros comportamentos.*

Apesar das contribuições da elaboração destas categorias para o contexto clínico e desenvolvimento de pesquisas, alguns aspectos deste trabalho precisam ser mais bem considerados, entre eles cita-se:

1. Quanto ao procedimento, a etapa da elaboração das categorias feita por uma Terapeuta Avaliadora precisaria ser revista em caso de replicação deste estudo. O objetivo inicial desta etapa era que um profissional da área clínica com experiência no atendimento a casais colaborasse na elaboração das categorias. No entanto, isso não foi possível, pois verificou-se que apesar das orientações dadas pela experimentadora, elas não

foram suficientes para a terapeuta pudesse realizar o que lhe foi pedido. Outros estudos poderiam considerar a possibilidade de ter um profissional – terapeuta clínico – não para auxiliar na elaboração das categorias, mas para avaliar as categorias elaboradas e isto poderia ser feito após um treino de observação das categorias.

2. Outros estudos se beneficiariam da filmagem das discussões das observadoras, pois estas discussões poderiam ser úteis na descrição da definição das categorias avaliadas, ou seja, indicar pontos de difícil compreensão no texto que descreve cada categorias, divergências entre observadoras etc. Embora a filmagem não tenha sido realizada, o que pode ter levado a perda de informações relevantes para o estudo, o registro dos principais pontos das discussões foram anotados pela experimentadora e contribuíram para o refinamento das categorias.

3. Neste estudo apenas elaboraram-se as categorias e não houve teste das mesmas. Novas investigações poderiam ser conduzidas nas quais fossem realizados testes a fim de verificar se as categorias propostas podem ser úteis na avaliação de outros casais em contexto clínico, com histórico e queixa diferente daquelas dos casais participantes deste estudo.

É importante ressaltar, ainda, que o uso das categorias aqui desenvolvidas, apesar de possuir critérios funcionais, não isenta o terapeuta ou pesquisador de realizar uma análise funcional, qualquer que seja seu objetivo. Pelo contrário, as categorias elaboradas pretendem auxiliar a observação do comportamento, fornecendo dados confiáveis para uma análise mais profunda das relações do organismo com o ambiente, ou seja, fornecer dados para uma análise funcional.

Finalmente, em vista da relevância clínica de estudos direcionados ao relacionamento entre casais, espera-se que as categorias elaboradas neste estudo possam ser úteis para terapeutas ou pesquisadores na observação e avaliação do conflito entre casais em contexto clínico. Espera-se, também, que as categorias elaboradas possibilitem inclusive a proposição de novas intervenções que contribuam para a melhoria do relacionamento de casais, ou, pelo menos, para o levantamento de discussões importantes à Análise do Comportamento. Ressalta-se neste estudo, ainda, a importância do uso da observação direta do comportamento para a coleta de dados, em detrimento das medidas indiretas amplamente utilizadas no cenário atual de estudos nesta área.

REFERÊNCIAS

- ADES, C. A observação do comportamento em situações experimentais. *Ciência e Cultura*, 28 (1), 25-34. 1976.
- BAER, D. M. Reviewer's comment: just because it's reliable doesn't mean that you can use it. *Journal of Applied Behavior Analysis*, 10, 117-119. 1977.
- BARUCH, D. W. ; WILCOX, J. A. A study of sex differences in preschool children's coexistent with interpersonal tensions. *The Journal of Genetic Psychology*, 64, 281-303. 1944.
- BATISTA, C. G. Objetivos da Fidedignidade em Estudos Observacionais. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*. 1 (3), 205-214. 1985.
- BAUCOM, D. H.; HAHLOWEG, K.; KUSCHEL, A. Are waiting-list control groups needed in future marital therapy outcome research? *Behavior Therapy*, 34 (2), 179-188. 2003.
- BERNS, S.; JACOBSON, N.; CHRISTENSEN, A. Marital Problems. In, M. Dougher. (Ed.), *Clinical Behavior Analysis* (pp. 181-206). Nevada: Context Press. 1999.
- BIJOU, S. W.; PETERSON, R. F.; AULT, M. A method to integrate descriptive and experimental field studies at the level of data and empirical concepts. *Journal of Applied Behavior Analysis*, 1, 175-191. 1968.
- BIRKIMER, J. C. ; BROWN, J. H. A graphical judgmental aid which summarizes obtained and chance reliability data and helps assess the believability of experimental effects. *Journal of Applied Behavior Analysis*, 12, 523-533 (a). 1979.
- BIRKIMER, J. C. ; BROWN, J. H. Back to basics: percentage agreement measures are adequate, but there are easier ways. *Journal of Applied Behavior Analysis*, 12, 535-543 (b). 1979.
- BLURTON JONES, N.. *Ethological Studies of Child Behavior*. Cambridge: Cambridge University Press. 1972.
- BOUCHARD, G.; SABOURIN, S.; LUSSIER, Y.; WRIGHT, J.; RICHER, C. Predictive Validity of Coping Strategies on Marital Satisfaction: Cross-Sectional and Longitudinal Evidence. *Journal of Family Psychology*, 12(1), 112-131. 1998.

- BUSBY, D. M.; CHRISTENSEN, C.; CRANE, D. R.; LARSON, J. H. A revision of the Dyadic Adjustment Scale for use with distressed and nondistressed couples: Construct hierarchy and multidimensional scales. *Journal of Marital and Family Therapy*, 21, 289–308. 1995.
- CANO, A.; HERNAN, J. C.; O'LEARY, K. D.; LEAF, S. A. Antecedents and Consequences of negative marital stressors. *Journal of Marital and Family Therapy*, 28 (2), 145-151. 2002.
- CARO, T. M.; ROPER, R.; YOUNG, M.; Dank, G. R. Inter-observer reliability. *Behavior*. 69(3), 303-315. 1979.
- CARPENEDO, C. ; KOLLER, S. H. Relações Amorosas ao Longo das Décadas: um estudo de cartas de amor. *Interação em Psicologia*, 8 (1), 1-13. 2004.
- CORDOVA, J. V. ; JACOBSON, N. S. Crise de Casais. In, D. H. Barlow (Ed.), *Manual Clínico dos Transtornos Psicológicos* (pp. 535-567). Porto Alegre: Artmed. 1999.
- COZBY, P. C. *Métodos de Pesquisa em Ciências do Comportamento*. Trad. Paula Inez Cunha Gomide. São Paulo: Atlas. 2003.
- CUNHA, W. H. A. Alguns princípios de categorização, descrição e análise do comportamento. *Ciência e Cultura*, 28(1), 15-24. 1976.
- DANNA, M. F. ; MATOS, M. A. *Ensinando Observação: uma introdução*. (4 ed.) São Paulo: Edicon. 1989.
- DAVIES, P. T. ; CUMMINGS, E. M. Marital Conflict and Child Adjustment: An Emotional Security Hypothesis. *Psychological Bulletin*. 116(3), 387–411. 1994.
- DEL PRETTE, Z. A. P. ; DEL PRETTE, A. *Inventário de Habilidades Sociais (IHS – Del Prette): Manual de aplicação, apuração e interpretação*. São Paulo: Casa do Psicólogo. 2001.
- EMERY, R. Interparental conflict and the children of discord and divorce. *Psychological Bulletin*, 92(2), 310-330. 1982.
- FAUBER, R. ; LONG, N. Parenting in a broader context: A reply to Emery, Fincham, and Cummings (1992). *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 60(6), 913-915. 1992.

- FAUBER, R. L. ; LONG, N. Children in context: The role of the family in child psychotherapy. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 59(6), 813-820. 1991.
- FINKEL, E. J. ; CAMPBELL, W. K. Self-Control and Accommodation in Close Relationships: An interdependence analysis. *Journal of Personality and Social Psychology*, 81(2), 263–277. 2001.
- FOLKMAN, S. ; LAZARUS, R. S. *Stress, appraisal and coping*. New York: Springer. 1984.
- FOLLETTE, W. C.; NAUGLE, A. E.; LINNEROOTH, P. J. N. Functional Alternatives to Tradicional Assessment and Diagnosis. In, M. J. Dougher (Ed.). *Clinical Behavior Analysis* (pp. 99-125). Nevada: Context Press.2000.
- GASSNER, S. ; MURRAY, E. J. Dominance and conflict in the interactions between parents of normal and neurotic children. *Journal of Abnormal Psychology*, 74(1), 33-41. 1969.
- GONGORA. M. A. N. ; SILVARES, E. F. M. *Psicologia Clínica Comportamental: A inserção da entrevista com adultos e crianças*. São Paulo: Edicon. 1998.
- HARTMANN, D. P. Considerations in the choice of inter-observer reliability estimates. *Journal of Applied Behavior Analysis*, 10, 103-116. 1977.
- HAWKINS, R. P ; DOTSON, V. A. Reliability scores that delude: an Alice in Wonderland trip through the misleading characteristics of inter-observer agreement scores in interval recording. In, E. Ramp & G. Semb. (Eds.). *Behavior analysis: areas of research and application*. Englewood Cliffs, New Jersey: Prentice Hall. 1975.
- HINDE, R. A. *Animal Behavior*. New York: McGraw-Hill. 1966.
- HOPKINS, B. L. ; HERMANN, J. A. Evaluating inter-observer reliability of interval data. *Journal of Applied Behavior Analysis*, 10, 121-126. 1977.
- HUTT, S. J. ; HUTT, C. *Observação direta e medida do comportamento*. Trad. Carolina Martuscelli Bori. São Paulo: Ed. USP. 1974.
- JACOBSON, N. S. ; CHRISTENSEN, A. *Integrative couple therapy: promoting acceptance and change*. New York: Norton & Company. 1996.

- JACOBSON, N. S., FOLLETTE, W. C., REVENSTORF, D., BAUCOM, D. H.,
HAHLWEG, K.; MARGOLIN, G. Variability in outcome and clinical significance of
behavioral marital therapy: A reanalysis of outcome data. *Journal of Consulting and
Clinical Psychology*, 52, pp. 497-504. 1984.
- JACOBSON, N. S.; CHRISTENSEN, A.; PRINCE, S. E.; CORDOVA, J.; ELDRIDGE, K.
Integrative Behavioral Couple Therapy: An Acceptance-Based, Promising New Treatment
for Couple Discord. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 68 (2), 351-355.
2000.
- JACOBVITZ, D. B.; BUSH, N. F. Reconstructions of family relationships: Parent-child
alliances, personal distress and self-esteem. *Developmental Psychology*, 32 (4), 732-743.
1996.
- JENKINS, J. M. ; SMITH, M. A. Marital disharmony and children's behavior problems:
aspects of a poor marriage that affect children adversely. *Journal of Child Psychology and
Psychiatry*, 32 (5), 793-810. 1991.
- JOHNSON, S. M. ; BOLSTAD, O. D. Methodological issues in naturalistic observation:
some problems and solutions for field research. In, L. A. Hamerlynck, L. C. & E. J. Mash
(Eds.). *Behavior change: methodology, concepts and practice*. Champaign, Illinois:
Research Press. 1973.
- JONHSTON, J. M. ; PENNYPACKER, H. S. *Strategies and Tactics of Behavioral Research*.
Nova Jersey: Lawrence Erlbaum Associates Publishers. 1993.
- JOURILES, E. N.; BOURG, W. J.; FARRIS, A. M. Marital Adjustment and Child Conduct
Problems: A comparison of the correlation across subsamples. *Journal of Consulting and
Clinical Psychology*, 59, 354-357. 1991.
- KAZDIN, A. E. Artifact, bias and complexity of assessment: the ABC's of reliability. *Journal
of Applied Behavior Analysis*, 10, 141-150. 1977.
- KAZDIN, A. E. *Single-Case Research Designs*. New York: Oxford University Press. 1982.
- MALDONADO, M. T.. *Casamento: Término e Reconstrução* (6 ed.). São Paulo: Perspectiva.
1995.

- MAMODHOUSSEN,S.; WRIGHT,J.; TREMBLAY,N.; WRIGHT,H.P. Impact of marital and psychological distress on therapeutic alliance in couples undergoing couple therapy. *Journal of Marital and Family Therapy*, 31(2), 159-169. 2005.
- MATTAINI, M. A. *Clinical Intervention with families*. Washington, DC: Nasw Press. 1999/2001.
- MEYER, S. Análise funcional do comportamento. Em: C. E. Costa; J. C. Luzia & H. H. N. Sant'Anna. *Primeiros passos em Análise do Comportamento e Cognição*. (1 ed.). Santo André, SP: ESETec, Editores Associados. 2003.
- MILLENSON, J. R. *Princípios de Análise do Comportamento*. Brasília: Coordenada. 1975.
- O'LEARY, K. D. ; KENT, R. Behavior modification for social action: research tactics and problems. In, Hamerlynck, Handy & Mash (Eds.). *Behavior change*. Illinois: Research press. 1972.
- OTERO, V. R. L. Psicoterapia de casais Em: C. E. Costa; J. C. Luzia & H. H. N. Sant'Anna. *Primeiros passos em Análise do Comportamento e Cognição* (pp. 125-138). Santo André - SP: ESETec Editores Associados. 2003.
- PATTERSON, G. R. ; HOPS, H. Coercion, a game for two: intervention techniques for marital conflict. In, R. E. Urich & P. Mounjoy (Eds.). *The experimental analysis of social behavior*. New York: Appleton. 1972.
- PORTER, B. ; O'LEARY, K. D. Marital discord and childhood behavior problems. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 8 (3), 287-295. 1980.
- RAMP, E. ; SEMB, G. *Behavior analysis: areas of research and application*. Englewood Cliffs, New Jersey: Prentice Hall. 1975.
- RANGÉ, B. ; DATTILIO, F. M. Casais. Em: *Psicoterapia Comportamental e Cognitiva: pesquisa, prática, aplicações e problemas* (pp.171-191). Campinas – SP: Editora Livro Pleno. 2001.
- ROBINS, R. W.; CASPI, A.; MOFFITT, T. E. Two personalities, One relationship: Both partners' personality traits shape the quality of their relationship. *Journal of Personality and Social Psychology*, 79 (2), 251-259. 2000.

- SHADISH, W. R. ; BALDWIN, S. A. Meta-analysis of MFT interventions. *Journal of Marital and Family Therapy*. 24 (4), 547-570. 2003.
- SIDMAN, M. *Coerção e suas implicações*. Trad. M. A. Andery & A. T. Sérgio, Campinas: Editorial Psy. 1995.
- SILVEIRA, J. M. Por que ainda estou só? Em: M. Z. S. Brandão; F. C. S. Conte & S. M. B. Mezzaroba (Eds). *Comportamento Humano II: tudo (ou quase tudo) que você gostaria de saber para viver melhor*. Santo André - SP: ESETec. p. 59-74. 2003.
- SKINDRUD, K. Field evaluation of observer bias under overt and covert monitoring. In: Hamerlynck, Handy & Mash (Eds.). *Behavior change*. Illinois: Research press. 1972.
- SKINNER, B. F. *O Comportamento Verbal*. Trad. Maria da Penha Villalobos. São Paulo: Cultrix. 1957/1978.
- SKINNER, B. F. The generic nature of stimulus and response concepts. *The Journal of General Psychology*. 7, 10-65. 1953.
- SKINNER, B. F. *Ciência e Comportamento Humano*. São Paulo: Martins Fontes. 1953/2000.
- SNYDER, D. K. Multidimensional Assessment of Marital Satisfaction. *Journal of Marriage and the Family*, 41, 813-823. 1979.
- SPANIER, G. B. Measuring dyadic adjustment: New scales for assessing the quality of marriage and similar dyads. *Journal of Marriage and the Family*, 38, 15-28. 1976.
- STEWART, W. S.; O'FARREL, T. J.; BIRCHLER, G. R. Behavioral Couples Therapy for Male Methadone Maintenance Patients: Effects on Drug-Using Behavior and Relationship Adjustment. *Behavior Therapy*, 32, 391-411. 2001.
- TAYLOR, T. K. ; BIGLAN, A. Behavioral family interventions for improving child-rearing: A review of the literature for clinicians and policy makers. *Clinical Child and Family Review*, 1, 41-60. 1998.
- TOBIN, R. M.; GRAZIANO, W. G.; VANMAN, E. J.; TASSINARY, L. G. Personality, Emotional Experience and Efforts to Control Emotions. *Journal of Personality and Social Psychology*, 79 (4), 656-669. 2000.

- TREBOUX, D.; CROWELL, J. A.; WATERS, E. When “new” meets “old”: Configurations of adult attachment representations and their implications for marital functioning. *Developmental Psychology*, 40 (2), 295-314. 2004.
- TURMAN, P.D. Coaches and cohesion: the impact of coaching techniques on team cohesion in the small group sport setting. *Journal of Sport Behavior*, 26 (1), 191. 2003.
- VILLA, M. B. *Habilidades Sociais Conjugais em Casais de Diferentes Filiações Religiosas*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto (FFCLRP) / Universidade de São Paulo (USP). 2002.
- WILDMAN, B. G. ; ERICKSON, M. T. Methodological problems in behavioral observation. In: J. D. Cone & R. P. Hawkins (Eds.). *Behavioral Assessment: New directions in clinical psychology*. New York: Brunner, Mazel. 1977.
- WINDHOLZ, M. H. O uso da observação num programa de modificação do comportamento. *Ciência e cultura*, 28 (1), 35-39. 1976.
- WOOD, N. D.; CRANE, D. R.; SCHAALJE, G. B.; LAW, D. D. What Works for Whom: A Meta-Analytic Review of Marital and Couples Therapy in Reference to Marital Distress. *American Journal of Family Therapy*, 33 (4), 273-287. 2005.
- YELTON, A. R. Reliability in the context of the experiment. *Journal of Applied Behavior Analysis*, 12, 565-569. 1979.

APÊNDICES

Apêndice A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado a participar de um estudo sobre interações de conflito no relacionamento de casais. Esta pesquisa faz parte de uma Dissertação do Programa de Mestrado em Análise do Comportamento da Universidade Estadual de Londrina. Esclarecemos que:

1. Os participantes serão entrevistados e responderão a dois inventários sobre relacionamento conjugal e a um inventário de depressão.
2. Os participantes comparecerão a uma entrevista inicial e a duas sessões de aproximadamente 70 minutos cada, realizadas em dias distintos, em semanas consecutivas. Cada membro do casal será atendido por uma terapeuta (sessão individual), havendo também sessões de reunião das terapeutas e o casal (sessão conjunta), e momentos em que o casal realizará uma atividade sem a presença das terapeutas. As sessões serão registradas em videoteipe (filmadas).
3. Os atendimentos serão realizados por duas psicólogas (terapeutas). Posteriormente o casal poderá ser encaminhado para terapia de casal, terapia individual ou alta.
4. A qualquer momento, você poderá desistir de participar da pesquisa, sem qualquer prejuízo para você.
5. Asseguramos que a identidade dos participantes será mantida em sigilo.

Estamos à disposição para esclarecer eventuais dúvidas sobre a pesquisa pelo telefone 3371-4227 e 3371-4237.

Londrina, ___/___, 2006.

Lígia Fukahori

Renata Cristina Alves da Rocha

Silvia Regina de Souza
Coordenadora da pesquisa

Declaramos que estamos cientes dos itens constantes neste Termo e consentimos livremente colaborar na qualidade de participante do estudo, consentimos também a disseminação dos dados da pesquisa.

Nome / Assinatura

Nome / Assinatura

Apêndice B – Entrevista de seleção dos casais

Entrevista com os participantes

Objetivos:

Parte conjunta

- Estabelecer contrato.
 - Informações aos participantes: Caso não aceitem ou o casal não tenha perfil para participar do estudo poderão ser encaminhados para outro projeto de relacionamento conjugal da Universidade Estadual de Londrina. Ao final da intervenção o casal poderá ser encaminhado para psicoterapia individual, de casal ou alta. Assim como qualquer atendimento, garantir sigilo. Todas as sessões serão filmadas. Apenas a equipe de pesquisadores terá acesso às gravações.
- Assinar o Termo de Consentimento.

Parte individual

- Explicar que responderão a alguns questionários hoje, individualmente, para avaliação do relacionamento conjugal.
- Perguntar:
 - Há algum tipo de violência física entre o casal?
 - Você ou seu parceiro apresenta (m) problemas com o abuso de álcool ou outras substâncias químicas?
- Aplicar a Escala de Ajustamento Dual.
- Aplicar o instrumento Inventário de Satisfação Conjugal.
- Aplicar o Inventário de Depressão de Beck.

Apêndice C – Escala de ajustamento dual (DAS – versão traduzida pela experimentadora)

Escala de Ajustamento Dual

A maioria das pessoas tem desacordos em seus relacionamentos. Indique abaixo a extensão aproximada de acordo ou desacordo entre você e seu (sua) parceiro (a) para cada item da lista a seguir, de acordo com a seguinte legenda:

1. Sempre discordam
2. Quase sempre discordam
3. Discordam freqüentemente
4. Discordam ocasionalmente
5. Quase sempre concordam
6. Sempre concordam

- _____ 1. Manejo das finanças da família
- _____ 2. Assuntos de lazer
- _____ 3. Assuntos religiosos
- _____ 4. Demonstrações de afeto
- _____ 5. Amigos
- _____ 6. Relações sexuais
- _____ 7. Convenções (conduta correta ou apropriada)
- _____ 8. Filosofia de vida
- _____ 9. Maneira de lidar com os familiares (pais, sogros, enteados)
- _____ 10. Objetivos, metas e coisas que acreditam serem importantes
- _____ 11. Quantidade de tempo que passam juntos
- _____ 12. Tomada de decisões importantes
- _____ 13. Tarefas domésticas
- _____ 14. Tempo livre para interesses ou atividades
- _____ 15. Decisões sobre a carreira

1. Todo o tempo
2. A maior parte do tempo
3. Freqüentemente
4. Ocasionalmente
5. Raramente
6. Nunca

- _____ 16. Com que freqüência vocês discutem ou consideram a possibilidade de divórcio, separação ou fim do relacionamento?
- _____ 17. Com que freqüência você ou seu (sua) ou parceiro (a) deixam a casa depois de uma briga?
- _____ 18. Em geral, com que freqüência você pensa que as coisas entre você e seu (sua) parceiro (a) estão indo bem?
- _____ 19. Você confia em seu (sua) parceiro (a)?
- _____ 20. Você alguma vez arrependeu-se de ter se casado? (ou viver junto)
- _____ 21. Com que freqüência você e seu (sua) parceiro (a) discutem/brigam?
- _____ 22. Com que freqüência você e seu (sua) parceiro (a) ficam furiosos um com o outro?

23. Você beija seu parceiro:

- (4) Todos os dias
- (3) Quase todos os dias
- (2) Ocasionalmente
- (1) Raramente
- (0) Nunca

24. Você e seu (sua) parceiro (a) se interessam por outros assuntos juntos?

- (4) Por todos
- (3) Pela maioria deles

- (2) Por alguns
- (1) Por pouquíssimos
- (0) Por nenhum

Com que frequência você diria que os seguintes eventos ocorrem entre vocês?

- 0. Nunca
- 1. Menos que uma vez por mês
- 2. Um ou duas vezes por mês
- 3. Uma vez por dia
- 4. Mais que uma vez ao dia

- _____ 25. Tem uma estimulante troca de idéias
- _____ 26. Dão risadas/gargalhadas juntos
- _____ 27. Calmamente discutem sobre algo
- _____ 28. Trabalham juntos em um projeto

Indique se cada item abaixo causou divergência de opiniões ou problemas em seu relacionamento nas últimas semanas (assinale sim ou não).

- (4) Sim (0) Não 29. Estar cansado (a) demais para o sexo.
- (4) Sim (0) Não 30. Não demonstrar amor.

31. A escala a seguir representa diferentes graus de felicidade em seu relacionamento. O ponto médio “feliz” representa o grau de felicidade da maioria dos relacionamentos. Circule o número que melhor descreve o seu grau de felicidade em relação ao casamento/união, levando-se em consideração todos os aspectos do seu relacionamento:

0	1	2	3	4	5	6
Extremamente Infeliz	Infeliz	Um pouco infeliz	Feliz	Muito feliz	Extremamente feliz	Felicidade perfeita

32. Assinale a afirmação que melhor descreve como você se sente em relação ao futuro do seu relacionamento:

- (5) Eu quero desesperadamente que meu relacionamento dê certo, e faria qualquer coisa para vê-lo bem sucedido.
- (4) Eu quero muito que meu relacionamento dê certo, e farei tudo que eu puder para vê-lo bem sucedido.
- (3) Eu quero muito que meu relacionamento dê certo, e farei a minha parte para vê-lo bem sucedido.
- (2) Seria bom se meu relacionamento desse certo, mas eu não posso fazer muito mais do que estou fazendo agora para ajuda-lo a ser bem sucedido.
- (1) Seria bom se meu relacionamento desse certo, mas eu me recuso a fazer qualquer coisa a mais do eu tenho feito para manter esse relacionamento.
- (0) Meu relacionamento nunca poderá dar certo, e não há nada mais que eu possa fazer para mantê-lo.

Apêndice D – Inventário de satisfação conjugal (IMS – versão traduzida pela experimentadora)

Inventário de Satisfação Conjugal

Este questionário destina-se a medir o seu grau de satisfação em relação ao seu atual parceiro (a). Não é um teste; não há respostas certas ou erradas. Responda cada item cuidadosamente, colocando um número ao lado de cada frase, conforme a seguinte legenda:

- 1 = Raramente ou nunca
- 2 = Um pouco
- 3 = Às vezes
- 4 = Boa parte do tempo
- 5 = A maior parte ou todo o tempo

- ___ 1. Eu sinto que meu (minha) parceiro (a) é afetuoso comigo.
- ___ 2. Eu sinto que meu (minha) parceiro (a) não me trata bem.
- ___ 3. Eu sinto que meu (minha) parceiro (a) realmente cuida de mim.
- ___ 4. Eu sinto que, se fosse escolher, eu não escolheria o (a) mesmo (a) parceiro (a).
- ___ 5. Eu sinto que posso confiar no (a) meu (minha) parceiro (a).
- ___ 6. Eu sinto que nosso relacionamento está terminando.
- ___ 7. Eu sinto que meu (minha) parceiro (a) não me compreende.
- ___ 8. Eu sinto que temos um bom relacionamento.
- ___ 9. Eu sinto que nosso relacionamento é muito feliz.
- ___ 10. Eu sinto que nossa vida juntos é tediosa.
- ___ 11. Eu sinto que nos divertimos muito juntos.
- ___ 12. Eu sinto que meu (minha) parceiro (a) não confia em mim.
- ___ 13. Eu sinto que nossa relação é bem próxima.
- ___ 14. Eu sinto que não posso confiar em meu (minha) parceiro (a).
- ___ 15. Eu sinto que não temos muitos interesses em comum.
- ___ 16. Eu sinto que nós lidamos muito bem com discussões e desentendimentos.
- ___ 17. Eu sinto que nós fazemos um bom trabalho no manejo das finanças.
- ___ 18. Eu sinto que eu nunca deveria ter me casado com meu parceiro.
- ___ 19. Eu sinto que eu e meu (minha) parceiro (a) nos damos muito bem.
- ___ 20. Eu sinto que nosso relacionamento é muito estável.
- ___ 21. Eu sinto que meu (minha) parceiro (a) está satisfeito (a) comigo como parceira (o) sexual.
- ___ 22. Eu sinto que deveríamos fazer mais coisas juntos.
- ___ 23. Eu sinto que o futuro para o nosso relacionamento parece brilhante.
- ___ 24. Eu sinto que nosso relacionamento é vazio.
- ___ 25. Eu sinto que não há entusiasmo em nosso relacionamento.

Apêndice E – Inventário de depressão de Beck (BDI)

Este questionário consiste em 21 grupos de afirmações. Depois de ler cuidadosamente cada grupo, faça um círculo em torno do número (0, 1, 2 ou 3) diante da afirmação, em cada grupo, que descreve melhor a maneira como você tem se sentido nesta semana, incluindo hoje. Se várias afirmações num grupo parecerem se aplicar igualmente bem, faça um círculo em cada uma. Tome o cuidado de ler todas as afirmações, em cada grupo, antes de fazer a sua escolha.

1. 0 Não me sinto triste.
 - 1 Eu me sinto triste.
 - 2 Estou sempre triste e não consigo sair disso.
 - 3 Estou tão triste ou infeliz que não consigo suportar.
2. 0 Não estou especialmente desanimado quanto ao futuro.
 - 1 Eu me sinto desanimado quanto ao futuro.
 - 2 Acho que nada tenho a esperar.
 - 3 Acho o futuro sem esperança e tenho a impressão de que as coisas não podem melhorar.
3. 0 Não me sinto um fracasso.
 - 1 Acho que fracassei mais do que uma pessoa comum.
 - 2 Quando olho para trás, na minha vida, tudo o que posso ver é um monte de fracassos.
 - 3 Acho que, como pessoa, sou um completo fracasso.
4. 0 Tenho tanto prazer em tudo como antes.
 - 1 Não sinto mais prazer nas coisas como antes.
 - 2 Não encontro um prazer real em mais nada.
 - 3 Estou insatisfeito ou aborrecido com tudo.
5. 0 Não me sinto especialmente culpado.
 - 1 Eu me sinto culpado às vezes.
 - 2 Eu me sinto culpado na maior parte do tempo.
 - 3 Eu me sinto sempre culpado.
6. 0 Não acho que esteja sendo punido.
 - 1 Acho que posso ser punido.
 - 2 Creio que vou ser punido.
 - 3 Acho que estou sendo punido.
7. 0 Não me sinto decepcionado comigo mesmo.
 - 1 Estou decepcionado comigo mesmo.
 - 2 Estou enojado de mim.
 - 3 Eu me odeio.
8. 0 Não me sinto de qualquer modo pior que os outros.
 - 1 Sou crítico em relação a mim devido a minhas fraquezas ou meus erros.
 - 2 Eu me culpo sempre por minhas falhas.
 - 3 Eu me culpo por tudo de mal que acontece.
9. 0 Não tenho quaisquer idéias de me matar.
 - 1 Tenho idéias de me matar, mas não as executaria.
 - 2 Gostaria de me matar.
 - 3 Eu me mataria se tivesse oportunidade.
10. 0 Não choro mais que o habitual.
 - 1 Choro mais agora do que costumava.
 - 2 Agora, choro o tempo todo.
 - 3 Costumava ser capaz de chorar, mas agora não consigo mesmo que o queira.
11. 0 Não sou mais irritado agora do que já fui.
 - 1 Fico molestado ou irritado mais facilmente do que costumava.
 - 2 Atualmente me sinto irritado o tempo todo.
 - 3 Absolutamente não me irrita com as coisas que costumavam irritar-me.
12. 0 Não perdi o interesse nas outras pessoas.
 - 1 Interesse-me menos do que costumava pelas outras pessoas.

- 2 Perdi a maior parte do meu interesse nas outras pessoas.
3 Perdi todo o meu interesse nas outras pessoas.
- 13.** 0 Tomo decisões mais ou menos tão bem como em outra época.
1 Adio minhas decisões mais do que costumava.
2 Tenho maior dificuldade em tomar decisões do que antes.
3 Não consigo mais tomar decisões.
- 14.** 0 Não sinto que minha aparência seja pior do que costumava ser.
1 Preocupo-me por estar parecendo velho ou sem atrativos.
2 Sinto que há mudanças permanentes em minha aparência que me fazem parecer sem atrativos.
3 Considero-me feio.
- 15.** 0 Posso trabalhar mais ou menos tão bem quanto antes.
1 Preciso de um esforço extra para começar qualquer coisa.
2 Tenho de me esforçar muito até fazer qualquer coisa.
3 Não consigo fazer nenhum trabalho.
- 16.** 0 Durmo tão bem quanto de hábito.
1 Não durmo tão bem quanto costumava.
2 Acordo uma ou duas horas mais cedo do que de hábito e tenho dificuldade para voltar a dormir.
3 Acordo várias horas mais cedo do que costumava e tenho dificuldade para voltar a dormir.
- 17.** 0 Não fico mais cansado que de hábito.
1 Fico cansado com mais facilidade do que costumava.
2 Sinto-me cansado ao fazer quase qualquer coisa.
3 Estou cansado demais para fazer qualquer coisa.
- 18.** 0 Meu apetite não está pior do que de hábito.
1 Meu apetite não é tão bom quanto costumava ser.
2 Meu apetite está muito pior agora.
3 Não tenho mais nenhum apetite.
- 19.** 0 Não perdi muito peso, se é que perdi algum ultimamente.
1 Perdi mais de 2,5 Kg.
2 Perdi mais de 5,0 Kg.
3 Perdi mais de 7,5 Kg.
- Estou deliberadamente tentando perder peso, comendo menos: SIM () NÃO ()
- 20.** 0 Não me preocupo mais que o de hábito com minha saúde.
1 Preocupo-me com problemas físicos como dores e aflições ou perturbações no estômago ou prisão de ventre.
2 Estou muito preocupado com problemas físicos e é difícil pensar em outra coisa que não isso.
3 Estou tão preocupado com meus problemas físicos que não consigo pensar em outra coisa.
- 21.** 0 Não tenho observado qualquer mudança recente em meu interesse sexual.
1 Estou menos interessado por sexo que costumava.
2 Estou bem menos interessado em sexo atualmente.
3 Perdi completamente o interesse por sexo.

- No decorrer da entrevista, os cônjuges demonstraram ressentimento, mágoa ou tristeza ao relatar seu problema (verbalmente ou com gestos, expressão facial)?
() Sim. Com que freqüência? () Não

- No decorrer da entrevista, o marido tentava punir o comportamento da esposa de relatar o problema?
() Sim. Com que freqüência? () Não
- No decorrer da entrevista, a esposa tentava punir o comportamento do marido de relatar o problema?
() Sim. Com que freqüência? () Não

- No decorrer da entrevista, houve troca de crítica ou expressões de desaprovação?
() Sim. Com que freqüência? () Não

- No decorrer da entrevista, o marido tentava punir o comportamento da esposa de relatar o problema?
() Sim. Com que freqüência? () Não

- Houve alteração de voz por parte de um dos cônjuges?
() Sim. Com que freqüência? () Não

- Houve troca de elogios?
() Sim. Com que freqüência? () Não

- Houve troca de carícias?
() Sim. Com que freqüência? () Não

- Houve demonstrações de compreensão?
() Sim. Com que freqüência? () Não

- O casal teve dificuldade de se lembrar do primeiro encontro?
() Sim. Quem? () Não

- O casal demonstrou ter boas lembranças do primeiro encontro (gestos, sorriso, expressão facial)?
() Sim. Quem? () Não

Apêndice G – Roteiro de entrevista clínica inicial**Roteiro para Entrevista Clínica Inicial**

Nome:

Idade:

Ocupação:

Estado Civil:

Data de nascimento:

Endereço:

Telefone:

Problemas de saúde / toma algum medicamento? Qual?

Com quem reside?

Filhos

	Nome	Idade	Sexo	Ocupação
1.				
2.				
3.				
4.				
5.				

Queixa principal:

Quando começou? / Desenvolvimento:

Exemplo:

Pensamentos e sentimentos em relação ao problema:

Vocês já tentaram resolver o problema de alguma maneira antes? Como?
(Tratamentos anteriores / tentativas de solução)

Já fez terapia antes? Individual ou de casal?

Apêndice H – Modelo de categorização de comportamentos referentes ao conflito conjugal

Nome do terapeuta observador:

Data da observação:

Instruções: Você está recebendo duas fitas de vídeo (com duração aproximada de 50 minutos cada) que contêm sessões de um casal em terapia. Assistindo a essas fitas, procure listar as diferentes categorias de comportamentos relacionados ao conflito que você observa na interação do casal e dê exemplos de cada categoria, conforme o modelo a seguir. Utilize (no mínimo) uma folha para cada categoria. Não há limite para o número de categorias; utilize quantas linhas e folhas forem necessárias. Exemplo: Em uma interação mãe-criança, foi observada a seguinte classe de resposta “Elogiar”. Seguem-se exemplos de interações desta categoria.

Modelo de Categorização de Comportamentos na interação Mãe-criança

Categoria: Elogiar		
Antecedente	Resposta	Conseqüência
Criança aperta corretamente o botão que liga o brinquedo	Mãe verbaliza: “muito bem, querido!”	Criança sorri.
Criança sorri.	Mãe verbaliza: “Como você é lindo, filho!”	Criança olha e sorri para a mãe, erguendo os braços em sua direção (pedindo colo).

Modelo de categorização de comportamentos referentes ao conflito conjugal

Categoria:		
Antecedente	Resposta	Conseqüência

Apêndice I – Protocolo de registro das categorias

Protocolo de Registro

Categoria 1 – Discordar do parceiro

Descrição: Apresentar opiniões divergentes sobre um tema que está sendo discutido sem que ao final cheguem a um acordo. Argumentar contra a fala do parceiro com palavras ou gestos (ex. balançar a cabeça negativamente desaprovando o que está sendo dito pelo parceiro, negar o que o parceiro está dizendo, desmentir o parceiro, etc.).

Exemplo:

Marido diz: Eu não saio mais com meus amigos há muito tempo, não me divirto, não dou risada, não tenho lazer...

Esposa diz: Imagina!!! Você foi no último final de semana em um churrasco na casa de um deles!

Casal 1 / Sessão 1 – Sessão Conjunta

Minuto	Frequência
1	
2	
3	
4	
5	
6	
7	
8	
9	
10	
11	
12	
13	
14	
15	
16	
17	
18	
19	
20	
21	
22	

Protocolo de Registro

Categoria 1 – Discordar do parceiro

Casal 1 / Sessão 1 – Atividade em Casal

Minuto	Frequência
1	
2	
3	
4	
5	
6	
7	
8	
9	
10	

Protocolo de Registro

Categoria 1 – Discordar do parceiro

Casal 1 / Sessão 2 – Atividade em Casal

Minuto	Frequência
1	
2	
3	
4	
5	
6	
7	
8	
9	
10	
11	
12	
13	
14	

Protocolo de Registro

Categoria 1 – Discordar do parceiro

Casal 1 / Sessão 2 – Sessão Conjunta

Minuto	Frequência
1	
2	
3	
4	
5	
6	
7	
8	
9	
10	
11	
12	
13	
14	
15	

Protocolo de Registro

Categoria 1 – Discordar do parceiro

Casal 2 / Sessão 1 – Sessão Conjunta

Minuto	Frequência
1	
2	
3	
4	
5	
6	
7	
8	
9	
10	
11	
12	
13	
14	
15	
16	
17	
18	
19	
20	
21	

Protocolo de Registro

Categoria 1 – Discordar do parceiro

Casal 2 / Sessão 1 – Atividade em Casal

Minuto	Frequência
1	
2	
3	
4	
5	
6	
7	
8	
9	
10	
11	

Protocolo de Registro

Categoria 1 – Discordar do parceiro

Casal 2 / Sessão 2 – Sessão Conjunta

Minuto	Frequência
1	
2	
3	
4	
5	
6	
7	
8	
9	
10	
11	
12	
13	
14	
15	
16	
17	
18	
19	
20	
21	
22	
23	

Protocolo de Registro

Categoria 1 – Discordar do parceiro

Casal 2 / Sessão 2 – Atividade em Casal

Minuto	Frequência
1	
2	
3	
4	
5	
6	
7	
8	
9	